ESPAÇOS HÍBRIDOS INTERIOR/EXTERIOR
O CASO DA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR EM BALI.

JOANA SANTOS FERREIRA

MESTRADO EM DESIGN 2014 | NÚCLEO DE ESPECIALIZAÇÃO: INTERIORES

ESPAÇOS HÍBRIDOS INTERIOR/EXTERIOR
O CASO DA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR EM BALI.

JOANA SANTOS FERREIRA

ORIENTADOR : PROFESSORA DOUTORA MARTA CRUZ

MESTRADO EM DESIGN 2014 | NÚCLEO DE ESPECIALIZAÇÃO: INTERIORES
PROVA APRESENTADA À ESCOLA SUPERIOR DE ARTE E DESIGN - MATOSINHOS

Agradecimentos

À minha mãe, que acreditou sempre em mim, e me ensinou que os nossos sonhos podem ser reais, a partir do momento em que fazemos deles os nossos objectivos. Pelo enorme apoio e confiança que depositou em mim e que fez com que fosse possível a concretização desta etapa, com toda a logística que a mesma implicou. Ao meu pai, por ter ultrapassado as provas de vida que este ano comportou. À minha irmã, por todo o apoio e incrível partilha de emoções, “faz parte da bagagem”. Aos meus avós, Aida, Margarida e Zé, por me apoiarem sempre e acompanharem a minha “viagem”. Ao meu avô José Armando, a minha estrela. À Professora Doutora Marta Cruz, pelo acompanhamento e motivação incansáveis. Aos professores da Esad que acompanharam este meu percurso e na medida da minha procura me ajudaram, Professora Maria Milano, Professor João Gomes, Professor Rui Canela e Professor Vitor Varão. Àqueles com quem me cruzei na minha viagem, e foram fundamentais na minha integração e concretização do trabalho que apresento, Lucy, Devi, Zohra, Veronique, Edgar, Beatriz,Triwantina e todos os colegas da Balquisse Living. A todos os amigos que fizeram parte deste “life changing year” e me ensinaram grandes lições de vida.

Um Muito Obrigada
(Terima Kasih)

Resumo

Palavras-chave: Interior, Exterior, Híbrido, Natureza, Habitação, Arquitectura Tropical.

A presente tese teve como objectivo a análise da relação entre a habitação unifamiliar e a natureza, no contexto oriental da ilha de Bali, na Indonésia. Etapa necessária à compreensão das motivações desta relação no contexto interior da casa, e as múltiplas formas que a mesma pode ter enquanto espaço híbrido, interior/exterior.

Esta investigação teve como pressuposto a identificação destes espaços híbridos, e dos respectivos factores que os possibilitam, numa procura do habitar “ideal” que contemple num mesmo espaço, o conforto e privacidade da habitação, com a liberdade e pureza da natureza, em propostas alternativas às ocidentais. Deste modo, neste estudo iremos elucidar as abordagens Balinesas aos espaços híbridos interior/exterior na habitação unifamilar.

Abstract

Key words: Interior, Exterior, Hybrid, Nature, Habitation, Tropical Architecture.

This thesis aimed to analyze the behavior of the relationship between the single family dwelling and nature in the context of the eastern island of Bali, Indonesia. In order to understand the motivations of this relationship in this context within the space of the house, and the many forms that it can take as hybrid space, interior / exterior.

This investigation had the identification assumption of these hybrid spaces, and related factors that allow them to inhabit in search of "ideal" covering the same space, comfort and privacy of housing with the freedom and purity of nature, in alternative to westerner proposals. Thus this study will elucidate the Balinese proposals to the indoor / outdoor hybrid spaces in unifamilar housing.

Índice

Agradecimentos 4

Resumo: palavras-chave 6

Abstract : key words 8

Capítulo I 12

Introdução 12

Metodologia 17

Capítulo II 20

Espaços exteriores no interior doméstico 20

A habitação unifamiliar 20

A inclusão da natureza na habitação 27

O cariz híbrido : espaços de fusão 29

Capítulo III 32

A Arquitectura Tradicional Balinesa 32

A ilha de Bali 32

Caracterização dos Materiais 36

A Varanda: Espaço permeável 40

Capítulo IV 42

Fichas de Levantamento e observação dos espaços 42

Caracterização do levantamento 42

Análise interprertativa do trabalho de campo 144

Capítulo V 153

Casos específicos da relação 153

Espaços de Higiéne: " A casa-de-banho jardim" 153

Espaços de Alimentação e Confecção 160

Espaços de Estar e Relaxamento 166

Capítulo VI **176**

Conclusão **176**

Referências Bibliográficas **183**

Índice e Crédito de Imagens **187**

Capítulo I
Introdução

Esta prova teve como motor inicial o meu interesse pela relação entre os espaços verdes enquanto elementos de mediação entre a envolvente externa da habitação e a sua esfera mais privada a que podemos chamar de interior doméstico. A investigação pretende aprofundar a relação entre a habitação unifamiliar e a natureza, enquanto elemento incluído na mesma, considerando-os objectos complementares.
Esta problemática tem sido um tema de procura, sendo que a referida relação, sempre existiu, mas como a própria natureza em constante mutação.

Tal como refere Fernando Pessoa: *"É a componente psíquica a primeira a sofrer e a sofrer mais fortemente, as transformações do meio ambiente e a influência que elas exercem sobre os processos biológicos. Foi então que o homem voltou a recordar-se de que ele é apenas um elemento das cadeias ecológicas da Biosfera: ar, solo, flora e fauna, constituem um património essencial". Pessoa, F. (1985)*

Na verdade, esta atracção quase intrínseca à evolução do habitar, foi muitas vezes incompreendida e associada a um cariz mágico de fascínio ou contemplação. Como questiona Robert Lenoble, *"Será realmente de crer que alguma vez tenha havido uma época em que o homem não observava a natureza? (...)Pois se ele vive nela, dela tira os seus recursos. (...) Antes de mais, há que viver e o homem projecta essas necessidades e esses desejos na natureza que o rodeia, antes mesmo de saber se as poderá satisfazer e de que forma." Lenoble, R. (1990) p.30*

A procura de uma ideologia que contemplasse o equilíbrio entre a natureza e a casa, poderá ser sustentada por diversos motivos. A carência da relação entre o homem e a natureza sustenta a procura de uma diferente forma de habitar, inclusiva do espaço, onde a natureza está em harmonia com a casa, numa busca do que seria o habitar ideal.

[1]As citações das obras em língua estrangeira foram traduzidas para o português pelo autora da prova.

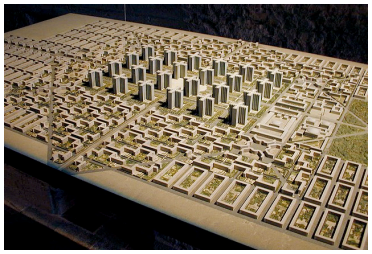
Podemos questionar o que motiva a inclusão do exterior na arquitectura sob diferentes temáticas, sendo que delas podemos sempre concluir que apesar da sua origem, constituem sempre um núcleo de confronto entre o habitante e o seu espaço natural, primário, no qual este se sente estimulado à "acção", seja ela um encontro, um momento de transição, de introspecção, de convívio, ou de contacto.

A identificação da manifestação da natureza na habitação é, pelos atributos espaciais necessários, geralmente encontrada num contexto suburbano.

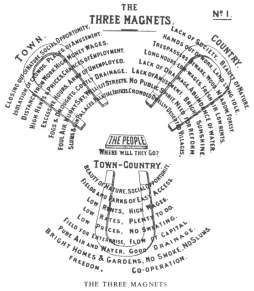
Em 1922 no plano urbanístico para uma cidade de 3 milhões de habitantes, Le Corbusier definiu quatro princípios fundamentais: descongestionamento do centro das cidades; aumento da densidade; aumento dos meios de circulação; e aumento das superfícies plantadas. Reconhecendo como fundamental uma presença mais marcante dos espaços verdes nas cidades. *H.Girsberger, W. B. e. (1971)*

No seguimento deste contexto, em 1933, no IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM), em Atenas, é refeito o manifesto da Carta de Atenas, esta nova versão considera a cidade como um objecto.

No final do século XIX, foi desenhado um modelo de cidade pelo urbanista inglês, Ebenezer Howard que pretendia unificar três conceitos: a cidade, o campo e as pessoas.
Esta necessidade nasce da carência sofrida no pós-guerra de contacto com o campo, e em compensação à corrente industrialização, estabelecendo a ponte entre o passado e o futuro, assumindo a cidade como tóxica e impura, e os espaços verdes - que remetiam para valores do campo como a pureza, liberdade e origem - como espaços livres, de lazer e de convívio, devendo a sua inclusão ser privilegiada na arquitectura. Foi assim que se desenvolveu o conceito que viria a ser conhecido como “Town-Country”, Cidade-Jardim.



1.
Maqueta do plano para uma cidade de 3 milhões de habitantes de Le Corbusier

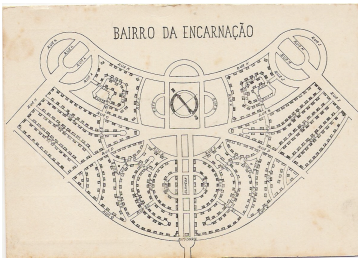


2.
“The three magnets”
Ebenezer Howard

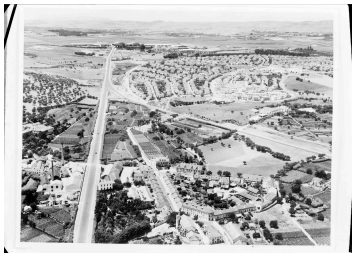
Este modelo propunha uma forma de habitar colectiva, onde se prestariam condições de vida e de trabalho, possibilitando o desenvolvimento da vida social em comunidade. Este aglomerado urbano encontra-se organizado sobre um espaço natural e visa ser um local soalheiro e de conservação da vegetação.

Mais tarde, e num outro contexto, português, podemos relacionar com estes valores em Lisboa, o Bairro da Encarnação.
Este bairro surge no âmbito de um afluxo de divisas para Portugal, onde foram construídos três tipos de empreendimentos habitacionais: o Bairro da Encarnação,o Bairro do Alto da Serafina e o Bairro de Caselas.
Obra do Arquitecto Paulino Montez e do Engenheiro Duarte Pacheco, a construção do Bº da Encarnação foi iniciada em 1940 e a inauguração data 1948. Este novo aglomerado urbano, com vista à redução de custos, foi adaptado ao relevo do terreno onde foi projectado. Foram ainda valorizados os espaços verdes, pois eram a principal zona de “lazer”, onde se ocupavam os tempos livres.
Nasce também neste período uma nova necessidade de associar o Campo e a Cidade, por meio de compensar a carência da relação com a natureza. *(Inácio, F. B. e. C. O Bairro da Encarnação e as Antigas Quintas dos Olivais.)*
A relação do Bairro da Encarnação com os projectos do século XIX de "cidade-jardim", advém das suas características enquanto aglomerado urbano, regido por espaços verdes e pelo valor destes na qualificação do espaço em questão.

A inclusão da natureza no projecto de urbanismo, vem reforçar o carácter social da arquitectura e a sua capacidade de induzir ao utilizador "modos de habitar", assim como o espaço exterior, que é identificado neste aglomerado urbano, como elemento de transição entre zonas. Deste modo, é possível ponderar de que forma a arquitectura no espaço doméstico comum, neste caso aplicado à escala do urbanismo presente no Bairro da Encarnação, é alimentado pela relação entre o "interior" (habitação) e o exterior (espaços verdes), podendo sugerir um estímulo de comportamento social e individual.



3.
Postal com planta urbanística do Bairro da Encarnação



4.
Fotografia aérea do Bairro da Encarnação

Os espaços verdes poderão assim assumir, uma vertente da arquitectura responsável pela difusão cultural das diferentes formas de habitar, partindo do desenho.

Os espaços de natureza constituem elementos delimitadores de zonas e são simultaneamente responsáveis por proporcionar diversos ambientes e contextos de uso, no sentido do progresso e da especialização, projectada para estimular formas do habitar.

No caso do Bairro da Encarnação, os espaços verdes são sobretudo elementos de fronteira entre a habitação (espaço privado) e as zonas comuns do Bairro (espaço público), sendo que neste é relevante a relação entre ambos. Em algumas habitações, o espaço "verde" invade o privado até ao limite da sua "entrada".
O espaço habitável, espaço vivido pelo habitante, pretende todo ele gerar uma apropriação pelo habitante, no caso do espaço exterior a apropriação dota de um cariz menos manipulável e mais imprevisível, como a própria natureza.

Se observarmos o Bairro da Encarnação enquanto espaço habitável, e interpretarmos a sua generalidade, podemos constatar que o espaço verde o "invade" testando-o e apropriando-se da sua arquitectura, e estimulando o sentido de "comunidade" e de "vizinhança" do Bairro, se o pensarmos sem espaços exteriores algo se perde.

A essência e a liberdade do Bairro fica reduzida a espaços térreos fronteiriços entre habitações que nada estimulam ou incentivam, nada comunicam ou simbolizam ao habitante.O mesmo poderá ser reconhecido na escala da habitação unifamiliar.

"O aquém e o além repetem surdamente a dialéctica do interior e do exterior: tudo se desenha, mesmo o infinito. Queremos fixar o ser e, ao fixá-lo, queremos transcender todas as situações. Confrontamos então o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as primitividades." Bachelard, G. (1989). p.216

A relação interior/exterior pode ser compreendida sobre diferentes formas, no interior da casa esta poderá ser uma divisão cuja função é ela própria, como por exemplo, o pátio interior ajardinado, ou associada a uma outra função ou seja, enquanto espaço de fusão, como nos casos da sala/varanda ou da casa-de-banho/jardim.

Esta relação, intrinsecamente ligada ao carácter funcional dos espaços, surge num contexto asiático enquanto parte da arquitectura, o espaço exterior assume neste caso um papel de fronteira entre a função e o lazer. Os espaços de circulação ao ar livre são deste modo interpretados enquanto momentos de transição entre funções e energias espaciais. A observação e estudo deste objecto irá facilitar a interpretação da experiência do valor do jardim na habitação e a sua ambiguidade interior/exterior.

No contexto do sudoeste asiático, somos confrontados com a arquitectura tropical que assume uma relação mais exposta e destemida com o meio natural envolvente. Este fenómeno decorre enquanto resultado do clima tropical que aqui se sente, mas é também influenciado pela tipologia das edificações e materiais construtivos, aqui podemos identificar com mais frequência os espaços híbridos nutridos de dupla função. No arquipélago da Indonésia (Ásia), mais especificamente na ilha de Bali, é possível conhecer diversas habitações projectadas sobre o ideal de harmonia entre a casa e a natureza por toda a ilha, sendo esta relação mais presente em zonas florestais da ilha como a região de Ubud. *“ A vida nos trópicos contribui para uma relação estreita com o ambiente envolvente e, por essa razão, muitos complexos ostentam como vantagens a máxima exposição a brandas brisas e plantas perfumadas. Alguns têm elegantes salas, ou pavilhões abertos por todos os lados, enquanto noutros há espaçosas varandas e salas de estar abertas que parecem prolongamentos naturais dos jardins.” Tettoni, L. I. (1998)*

Pela religião hindu predominante na ilha de Bali, é possível distinguir a sua influência na arquitectura local, quer pela organização dos espaços que a mesma propõe, quer pelos valores espirituais associados à natureza, à casa e à forma de estar. A religião hindu está associada ao equilibrio entre os elementos (terra, ar, água, fogo) e ainda a outras crenças, como o karma, que definem a forma de estar dos hindus e o consequente respeito que os mesmos atribuem aos diversos espaços arquitectónicos. Surgem neste contexto, plenamente integrados na habitação, elementos como o balé - estrutura coberta e geralmente posicionada no centro do jardim, um espaço que se destina não só à pratica religiosa como a encontros familiares. O reconhecimento do valor da presença da natureza como parte da casa é fortemente identificado sob diferentes expressões e momentos neste lugar.

No desenho contemporâneo da casa, surge cada vez mais a intenção de transportar o universo exterior para dentro da casa, fazendo dela *" uma região de áreas indistintas". H.Gleiter, J. (2013).* A identificação e estudo desta relação pretende traduzir a compreensão da relação entre a natureza e o interior da casa, as suas motivações passadas e contemporâneas, e o seu comportamento no desenho do presente, bem como reconhecer as diversas utilizações dos espaços pelo habitante, tal como refere Inaki Ábalos, *"experienciamos uma mudança tecnológica, mas também de hábitos e da forma como nos relacionamos com as coisas." Abalos, I. (2003).* Neste período emergem novas potencialidades e variáveis, ideia que vai ao encontro de arquitectos como Sou Fujimoto, que afirma *" O interior e o exterior são temas da arquitectura. Por vezes o interior e o exterior invertem-se, ou convergem para enriquecer a arquitectura com potencialidades (...)". Fujimoto, S. (2003-2010).*

A compreensão do desenho desta ligação na ilha de Bali, mostra algumas das possíveis formas da relação, de modo a retratar a ideologia da presente fusão, onde a casa e a natureza convivem harmoniosamente, propondo um habitar completo e estruturado.

Metodologia

Este estudo pretende identificar e compreender os existentes formatos da relação entre a habitação unifamiliar e a natureza no contexto Oriental, da ilha de Bali. Para este efeito, a investigação foi estruturada e processada em fases distintas.

Numa primeira fase, foram identificadas e sistematizadas as fontes escritas e documentais, realizando uma revisão bibliográfica, permitindo nesta etapa inicial tomar conhecimento do tema, conceitos, autores e documentos fundamentais.Conduzindo à afinação das questões da investigação e à escolha do contexto oriental como objecto de estudo. Neste contexto, tão distante do Europeu, a relação entre o interior doméstico e o exterior que o rodeia é mais extrema, permitindo a sua compreensão de forma mais evidente. O objectivo central da investigação foi a identificação das múltiplas formas desta relação interior/exterior no âmbito da habitação unifamiliar.

A habitação unifamiliar foi a tipologia arquitectónica escolhida por a considerar mais adequada do que um edifício colectivo, uma que vez esta pressupõem uma maior relação com o exterior.
Também pelo seu significado de espaço de permanência, e com o qual os habitantes estabelecem uma maior relação com a envolvente física da habitação. No contexto de estudo esta é a tipologia mais recorrente devido ao seu desenho tradicional que contempla as unidades separadas da residência indissociáveis do jardim.

O trabalho de campo, conduzido em duas acções completares. Primeiro realizou-se uma emersão em contexto cultural, natural e social distinto durante um período de noventa dias em Bali, na Indonésia.

Durante este tempo foi desenvolvido o trabalho de campo cujo objectivo foi compreender os diferentes modos de habitar da população local, e realizar o levantamento de um conjunto de habitações unifamiliares: tradicionais e contemporâneas, com vista a compreender o desenho e comportamento da relação interior/exterior no espaço da casa.

O trabalho de campo abrange habitações de desenho e construção centenária, em paralelo com habitações modernas. A amplitude do foco foi definida pelas condições associadas aos factores externos do trabalho de campo, mediada pela procura da compreensão de um leque de habitações diverso que conduzisse a um vasto contacto com soluções espaciais híbridas interior/ exterior, neste contexto.

Com base nesta recolha, foi desenvolvida uma análise dos valores presentes nos casos recolhidos e respectivas soluções formais dos mesmos. Esta análise permitiu ir ao encontro dos fundamentos da arquitectura local, quer em habitações tradicionais, quer contemporâneas, confrontando as soluções encontradas em ambas. Durante o processo do trabalho de campo foram realizados: uma ficha de levantamento, composta por esquissos, uma síntese descritiva, e uma caracterização da habitação, dos materiais, e dos espaços híbridos, complementada por um levantamento fotográfico e um caderno diário. Estes materiais foram recolhidos aquando das visitas às habitações, e os desenhos e fotografias presentes na prova foram realizados pela autora da prova, no sentido de enriquecer e complementar a informação das habitações visitadas, nas quais foi estabelecido um contacto directo com a realidade apresentada e com os moradores.

Nesta fase foi também realizado, o trabalho de gabinete **-** Balquisse Living, Zohra Boukhari - cujo objectivo foi a compreensão do entendimento do projectista sobre a relação habitação/natureza e o reconhecimento das suas influências e motivações no projecto contemporâneo. Para este efeito, foi realizada uma emersão nos projectos em progresso no atelier e uma recolha documental, composta por: desenhos técnicos, esquissos e fotografias.

A metodologia apresentada, em conjunto com o trabalho desenvolvido, pretende compreender as fronteiras entre o interior e o exterior da habitação unifamiliar em Bali, e as respectivas formas em que esta relação se pode traduzir. Analisando de forma concreta o objecto de estudo, visa-se o entendimento da influência da tradição no desenho da relação interior/exterior, e o seu transporte para o desenho contemporâneo, adaptado às comodidades e necessidades da actualidade.

A Imersão em novo contexto foi preparada por duas etapas: compreender e explorar a geografia da ilha e a elaboração das fichas de visita.

As fichas de observação dos espaços foram concebidas para registar e organizar : tanto a informação visual: fotografias e desenhos como a informação verbal: dados e informações dadas pelos habitantes.

Assim, elas compreendem : O espaço para o esquisso, os elementos de reconhecimento da relação interior/exterior, nomeadamente nos casos da varanda, espaços de estar ao livre, espaços de refeição e espaços de higiene ao ar livre.
Também comportam espaço para um questionário que permitiu a recolha dos dados sociográficos dos habitantes e a caracterização dos materiais de construção.
No cruzamento entre o trabalho preparado e a realidade encontrada , houve alguns
obstáculos e imprevistos .

O primeiro foi a língua , houve um difícil acesso às habitações pela árdua comunicação com os habitantes que frequentemente só falam Indonésio.
O segundo foi a deslocação porque os acessos viários eram complexos e deu-se a inicial impossibilidade de visitar locais distantes da zona de alojamento.
Em terceiro lugar, os próprios habitantes foram por vezes um obstáculo, pelas suas vicissitudes de disponibilidade, receio, vergonha e mesmo a incompreensão do propósito do estudo.

Capítulo II

Espaços exteriores no interior doméstico

A habitação unifamiliar

A habitação unifamiliar destina-se ao usufruto dos seus habitantes, sendo neste espaço que se desenrolam importantes actividades diárias. Representa, na sua generalidade, um local de múltiplas funções, e um refúgio do mundo exterior, que envolve os que o ocupam. Destinando-se à utilização de uma família, encontra-se isolado das restantes habitações através de um jardim ou de um muro que delimita as suas fronteiras.

A palavra habitação, cuja etimologia advém do latim “habitat”, refere-se ao espaço de residência do ser vivo, onde encontra perfeitas condições de habitar: alimentação, conforto, vida social e clima adequado. Esta definição etimológica e a consequente desmistificação da palavra, conduz-nos a uma reflexão sobre a comunhão entre a natureza e a habitação.

A relação homem/natureza existe desde sempre, pois o homem sempre viveu na natureza, foi nela que encontrou o seu habitat e edificou as suas habitações, sofrendo mutações ao longo do tempo, e em conformidade com a sua geografia. A sua qualificação como “abrigo” ou "refúgio", poderá ter conotações distintas consoante aquilo que pretende explicar. O desenho da habitação desenvolve-se obedecendo às questões e problemas a que pretende responder. Este variável campo de soluções projectuais comunica por sua vez interacções distintas entre a casa e a natureza, e revelam que a sua mutação poderá gerar comportamentos diferentes na forma como um espaço é utilizado pelo habitante. [2]

“(...) Se conseguirmos produzir uma arquitectura que seja capaz de incorporar diferentes níveis, de tal modo que as diversas realidades, tal como encontradas nas diversas camadas da consciência, possam ser reflectidas no projecto, então o ambiente arquitectónico poderá visualizar essas realidades e dizer algo <<sobre o mundo>> aos usuários.” Hertzberger, H. (1999). p.230

[2] Referência Robert Lenoble p.12

A estrutura geral de uma habitação é feita do ponto de vista da sua composição funcional, entre espaços de serviços, que se destinam a comportar áreas de utilização geral dos utilizadores: como espaços de higiene, cozinha e sala; e espaços de dormitório em zonas de acesso mais privado da habitação. Podemos encontrar ainda espaços de transição, que se destinam a criar ligações entre as diversas funções da habitação, e também espaços que exercem funções múltiplas, podendo ter mais do que uma função.

“Uma área aberta, um quarto, ou um espaço, podem ser concebidos como um lugar mais ou menos privado, ou como uma área pública, dependendo do grau de acesso, forma de supervisão, de quem o utiliza, de quem toma conta dele e das suas respectivas responsabilidades.O seu quarto, por exemplo, é um espaço privado em comparação com a sala de estar e cozinha da casa em que mora. Você tem a chave do seu quarto, do qual você mesmo cuida.O cuidado e a manutenção da sala de estar e da cozinha são basicamente uma responsabilidade partilhada por todos os que moram na casa, que têm a chave da porta de entrada.” Hertzberger, H. (1999). p.230

A habitação comporta infra-estruturas que satisfazem principalmente as necessidades alimentares, de higiene, de descanso e convívio dos que nela habitam. O lote está geralmente isolado pelo jardim e muros circundantes que afirmam e definem os limites da casa. Assim, o jardim pode ser reconhecido como um mecanismo de fronteira entre o mundo estrangeiro à habitação e a sua esfera mais privada a que podemos chamar de interior. É relevante a compreensão de que esta esfera do interior da habitação, comporta diferentes camadas de privacidade e de fronteiras.
Sob esta perspectiva, nesta tese estamos a considerar tudo o que está "dentro" dos muros como o universo interior da habitação, considerando também o jardim como parte da mesma, ainda que referido como um elemento exterior (pela sua geral condição física). Por inerência, considera-se o que está fora dos muros como o universo estrangeiro à habitação.

" O oposto da compulsão não é a liberdade, mas a integração. A compulsão é uma realidade negativa, a integração é a positiva; a liberdade é uma possibilidade, a possibilidade reconquistada. Ser compelido pelo destino, pela natureza, pelas pessoas: o oposto não é libertar-se do destino, da natureza e das pessoas, mas aliar-se e integrar-se a eles; para que isso aconteça é preciso antes ser independente, mas a independência é um caminho, não um espaço." (Martin Buber, Reden Über Erziehung, Heidelberg, 1953) p.152

“O homem necessita de paredes, por isso parece-nos essencial a relação entre o espaço imaginado e os seus habitantes. Não foram estudados os motivos para que numa época anterior, pelas mudanças funcionais, esta relação fosse alterada ao longo da sua larga evolução, este mantém-se como um espaço central da casa, um lugar aberto em oposição aos restantes espaços fechados. Por pátio entende-se geralmente uma parte da casa delimitada por paredes, a céu aberto.” Blaser, W. (1997). Falamos então da procura de um espaço na habitação que, independentemente do seu formato, obedeça a duas características fundamentais, ser um momento de contacto com o exterior, onde o homem possa, segundo Francisco Caldeira Cabral, “estar e viver”, e que ao mesmo tempo o proteja do desconhecido e hostil mundo estrangeiro.

[3]

[4]

A expressão formal deste espaço interior/exterior, é portanto definida quer por esta procura, quer pelo contexto onde a habitação está inserida.

" Tudo o que projectamos deve ser adequado a cada situação que surja; em outras palavras, não deve ser apenas confortável mas também estimulante - e é esta adequação fundamental e activa que eu gostaria de designar como <<forma convidativa>>: a forma que possui mais afinidade com as pessoas.” Hertzberger, H. (1999). p.174

Este estímulo está intimamente ligado ao confronto entre a natureza e a habitação, sendo que este poderá dar resposta a uma carência da interacção homem/natureza e propor ao habitante uma maior afinidade quer com a habitação, quer com o seu meio envolvente. fazendo com que o mesmo se sinta parte, segundo Blaser, “*do dia e da noite, do sol e da lua, do calor, do frio e da chuva”.*

Esta relação poderá ser motivada pela anterior reconhecida carência de contacto com o mundo estrangeiro, na procura de espaços de lazer exteriores, onde o contacto entre a habitação e a natureza pode adoptar diferentes formas -jardim,pátio,varanda,terraço,etc- explorados, na busca da integração das duas realidades numa só, a casa.

---

[3] Todos os sublinhados foram realizados pela autora da prova, destacando a pertinência das citações para mesma.

[4] “*O jardim público ou particular (...) Destina-se a estar e viver (...)”* Cabral, F. C. (2005). p.35

A habitação que na sua forma primária ia ao encontro de um local de abrigo do universo estrangeiro, não compreende a natureza no universo interior. Assume então a sua vontade de conciliar no espaço da habitação o exterior. Na análise da Villa Savoye em Poissy, França (1929-1932) de Le Corbusier, Hertzberger refere, que a grande sala de estar cercada ao ar livre da villa é sem dúvida o mais impressionante exemplo de espaço exterior construído que podemos encontrar em quase todos os projectos de Le Corbusier.

Graças ao facto de esta paisagem interior estar situada na periferia do volume e possuir o mesmo arranjo horizontal de janelas das áreas de estar adjacentes, o terraço também oferece uma visão da paisagem exterior. Os terraços nos telhados de Le Corbusier não são nem jardins nem interiores; representam uma entidade espacial completamente diferente, com uma qualidade altamente específica.

Esta especificidade espacial cria não só momentos cénicos no interior da habitação, proporcionados pelo terraço, mas também ao próprio terraço que exerce também ele a função de um espaço de estar e lazer semi-exterior. Podemos ainda relacionar a especificidade espacial, com a motivação e mutação do espaço interior/exterior, relacionando-o com o caso da relação da habitação unifamiliar em banda com o universo estrangeiro, na ilha de Bali.



5. Fotografia da Villa Savoye.
Vista do terraço para a sala.

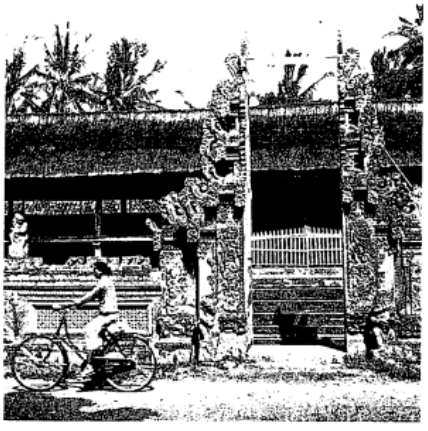


6. Fotografia da Villa Savoye.
Vista da interior da sala para o

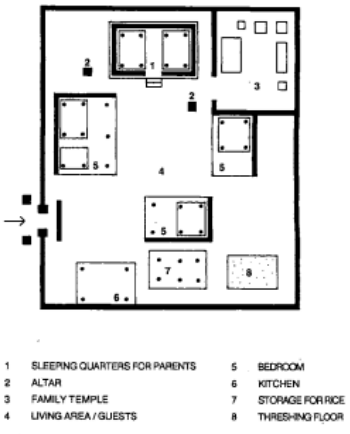
“Muitas ruas em Bali constituem o território de uma família extensa. Nessas ruas estão situadas as casas das diversas unidades familiares, que juntas compõem a família extensa. Essas ruas têm um portão de entrada, que é muitas vezes provido de uma cerca de bambu encarregada de manter as crianças e os animais do lado de dentro, e, embora sejam basicamente acessíveis a qualquer um, tendemos a sentir-nos como intrusos ou, no máximo, como visitantes. Além das diversas nuances nas demarcações territoriais, os balineses fazem uma distinção dentro do espaço público: a área do templo, que compreende uma série de recintos sucessivos com entradas claramente marcadas, aberturas nas cercas ou portões de pedra (conhecidos como tjandi bentar). Esta área do templo serve como rua e como <<playground>> para as crianças. Para o visitante também é acessível como a rua - pelo menos quando não estão a acontecer manifestações religiosas - mas, mesmo assim, o visitante sente uma certa relutância. Como alguém estranho ao lugar, sente-se honrado por ter permissão de entrar.”

Este é um exemplo de uma área semi-privada exterior, onde encontramos um espaço híbrido interior-exterior, no sentido em que o mesmo comporta a função de rua e de corredor de acesso que antecede as habitações, quase que como um espaço exterior da habitação, onde as crianças tem permissão para brincar.

“*No mundo inteiro encontramos gradações de demarcações territoriais, acompanhadas pela sensação de acesso. Às vezes o grau de acesso é uma questão de legislação, mas, em geral, é exclusivamente uma questão de convenção, que é respeitada por todos.” Hertzberger, H. (1999). p.15*



7. Fotografia do portão de acesso às habitações



8. Planta da habitação unifamiliar Balinesa

Este espaço de rua exterior delimitado por um portão e comum a este aglomerado de casas da mesma família, revela que apesar de serem habitações distintas existe uma procura de um espaço exterior religioso e de lazer para as crianças, onde as mesmas estejam expostas e simultaneamente protegidas, onde estão na rua mas também em “casa”. Este poderá também ele ser considerado um espaço exterior mas não estrangeiro pelo que ainda se encontra delimitado por portões e pertence ao lote de uma família, o que nos remete então para a anterior procura de um espaço exterior, mas que simultaneamente não exponha em pleno o habitante ao mundo “estrangeiro”.

"A arquitectura é, em qualquer lugar, a expressão concentrada dos três vectores essenciais de uma sociedade: o religioso, o sociopolítico e o económico. Do faustoso palácio à rudimentar cabana, a localização e a orientação, o programa, os materiais e as tecnologias de construção, a forma de ocupação são sinais indeléveis e inequívocos de quem os vai usufruir." Silveira, Â. C. (1999) p.11

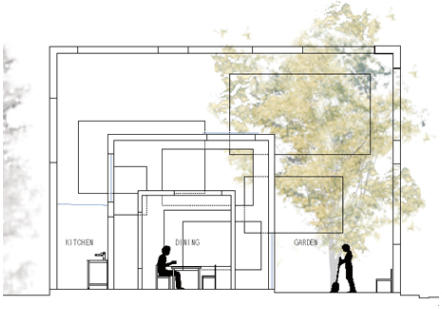
Estes factores, que segundo Ângelo Costa Silveira definem a expressão da arquitectura, são também eles os principais factores que concentram as variáveis formas deste espaço interior/exterior que permite ao habitante estar em sua casa e experienciar o mundo exterior sem nunca se expor ao universo estrangeiro à sua habitação.

Sobre este espaço indefinido e com possíveis variáveis, numa resposta contemporânea, o arquitecto japonês Sou Fujimoto manifesta, através das suas obras, o seu entender sobre o tema.

“ I think architecture is in making of its exteriors. However, the exteriors I speak of do not mean to merely make the outer volume or façade. My utterance of exteriors denotes the internal structure of the threshold between internal and external spaces. Where internal space ends, the exterior begins. Where external space ends, exterior begins. Quintessentially, the exteriors are themselves materializations of internal and external interactions.” Fujimoto, S. (2003-2010)



9. N House
Sou Fujimoto



10. N House
Sou Fujimoto

O projecto da N house (2006-2008) em Oita, Japão, foi desenhado enquanto habitação unifamiliar, destinada a albergar um casal e um cão. Teve como principal motivação dar resposta a um espaço intermédio que simultaneamente fosse exterior, mas não externo, onde os habitantes pudessem estar ao ar livre mas resguardados da rua, mantendo assim a sua privacidade.

“One might say that an ideal architecture is an outdoor space that feels like the indoors and an indoor space that feels like the outdoors. In a nested structure, the inside is invariably the outside, and vice versa. My intention was to make an architecture that is not about space nor about form, but simply about expressing the riches of what are `between` houses and streets.” Sobre a N House, Fujimoto, S.

É nesta expressão da casa como uma região de áreas indistintas que se distingue o trabalho do arquitecto, como o próprio afirma, *“ o interior e o exterior são temas da arquitectura. Por vezes o interior e o exterior invertem-se, ou, convergem para enriquecer a arquitectura com potencialidades.”Fujimoto, S. (2003-2010)* É neste leque de potencialidades que vamos ao encontro destes espaços que se referem aos dois universos, o da habitação e do exterior ainda que sem invadir a privacidade do habitante, criando para o mesmo um ambiente mais rico e protegido do universo estrangeiro - a rua.

“Deveríamos fazer projectos de tal modo que o resultado não se referisse abertamente a uma meta inequívoca, mas que ainda admitisse a interpretação, para assumir sua identidade pelo uso. O que fazemos deve constituir uma oferta, deve ter a capacidade de provocar, sempre, reacções especificas adequadas a situações especifica; assim, não deve ser apenas neutro e flexível - e,portanto, não-específico -, mas deve possuir aquela eficácia mais ampla a que chamamos polivalência.” Hertzberger, H. (1999) p.152

Segundo Hertzberger, o projecto amplamente eficaz é aquele que compreende a oferta polivalente, seja que pode possibilitar ao habitante funções ou utilidades diferentes. Neste ambiente de mediação entre o contacto com o exterior no interior da habitação, o habitante encontra também esta possibilidade, no sentido de que a expressão do seu uso poderá ser assumido por quem o ocupa. Esta ideia vai deste modo ao encontro da de Fujimoto, que afirma que nesta convergência interior/exterior a arquitectura fica enriquecida de potencialidades.

A inclusão da natureza na habitação

Como já vimos anteriormente, os espaços da casa destinados à natureza, expressam a sua multiplicidade face ao seu posicionamento no espaço da habitação.
A sua presença no espaço da casa, apesar de variável, é sempre uma forma domesticada da natureza, sendo que a sua presença é também ela como a casa, desenhada pelo projectista, e representa a ideia do projectista em confronto como o propósito do seu desenho ou função.

"O Jardim é uma forma originária da arquitectura. É a natureza manipulada pelo ser humano ou artificialmente afectado pela natureza. No jardim existem imagens cenográficas e múltiplas. Diversas dimensões emergem quando pequenas escalas se relacionam com escalas maiores." *Fujimoto, S. (2003-2010)*

Este carácter manipulado do desenho da natureza no espaço da casa, contrasta imediatamente com a liberdade e pureza associado ao mesmo na habitação. O cariz incessante da procura e controlo deste espaço interior/ exterior, faz com que o mesmo quer no contexto asiático como europeu, seja um foco central da habitação. Falamos do pátio, ou do jardim na Ásia que define estruturalmente a habitação. Sendo que a mesma se desenvolve ao redor do espaço central geralmente ocupado pelo jardim.

O valor e a importância térmica e social da natureza na casa, e nos diferentes modos de habitar é também ela uma variável. Num primeiro plano interpretada como um motor de defesa dos habitantes, a casa evolui no sentido da compreensão da presença da natureza, ainda que controlada no seu espaço interno.

"É o principio do abrigo que recebe ênfase especial na história das origens da arquitectura, na medida em que adquiriu gradualmente uma forma cada vez mais articulada, da cabana até a casa, ao longo da história humana e do nascimento da cidade. Para nós, a história da visão é tão importante como a do abrigo. E com isto queremos dizer, além de ter uma visão do outro, ter uma visão do mundo exterior. Assim como influenciam as relações pessoais, as relações espaciais também determinam a maneira como nos relacionamos com o ambiente. Mas em vez de manter a oposição interior-exterior como contraste fundamental, sabemos, no século XX, que interior e exterior são conceitos relativos, que dependem de onde nós estamos e da direcção para a qual olhamos.(...)" Hertzberger, H. (1999).

Este princípio da arquitectura cuja função inicial era a de abrigar e proteger o habitante, tem vindo a conhecer novas formas de comportamento face ao exterior. Este que inicialmente era apenas o espaço que separava a casa do mundo estrangeiro, passa a ser também ele compreendido como um espaço interno, integrado na habitação. Esta integração de acordo com Hertzberger, é relativa e está condicionada pela nossa motivação e contexto.

A sua evolução e aproximação do ideal de equilíbrio do habitar, em que a habitação e natureza convivem de forma harmoniosa no espaço da casa. Deve-se também ao motor social que a mesma desperta no habitante, sendo este considerado um espaço de interacção.

"Eu adoro jardins, pois os jardins não rejeitam as pessoas. Neles é possível caminhar ou observar livremente, no seu todo ou no particular. Plantas, pedras e areia mostram diferentes mutações. Estão em constante mudança." (*Toru Takemitsu, Ongaku no Yohaku Kora from margins of music)*

Este registo artístico apresentado por Takemitsu, manifesta a forma como este se relaciona com o espaço de natureza e o que nele desperta, a liberdade, a integração e aceitação que o mesmo sente neste espaço. O aspecto social do jardim é frequentemente associado a relação do homem/natureza, como um espaço de reflexão e de contacto com o nosso ambiente primário, ou é possível contemplar os diversos momentos cénicos próprios dos espaços naturais, mas também o despertar do desejo de socialização. Sendo que por vezes no espaço exterior se proporcionam momentos plurais de lazer, que tal como vimos anteriormente são coincidentes com o que se passa no Bairro da Encarnação em que as áreas verdes representam um motor de convívio e interacção entre os habitantes do aglomerado.

Esta exposição foi também alimentada muitas vezes por uma necessidade de expor a habitação ao exterior por razões climáticas. No clima tropical onde o calor sentido é mais elevado, os espaços totalmente fechados são evitados. Factor que suscita uma evidente exposição da casa ao espaço exterior, representando também ela diferentes apropriações entre os dois elementos.

" A vida nos trópicos contribui para uma relação estreita com o ambiente envolvente e, por essa razão, muitos complexos ostentam como vantagens a máxima exposição a brandas brisas e plantas perfumadas. Alguns têm elegantes salas, ou pavilhões, abertos por todos os lados, enquanto noutros há espaçosas varandas e salas de estar abertas que parecem prolongamentos naturais dos jardins." Tettoni, L. I. (1998)p.14

Esta relação estreita motivada pelas condições do ambiente envolvente são também elas factores que definem a progressividade da expressão da casa mais exposta face à natureza. Segundo Sue Roaf, existem três princípios nos quais todas as edificações deveriam basear-se: projectar para um clima específico; projectar para o meio ambiente social e físico e projectar para o tempo ou vida útil de um edifício.

O cariz híbrido : espaços de fusão

Os espaços de fusão ou híbridos são, no seguimento desta investigação, aqueles que resultam da junção de intenções diferentes no mesmo espaço, sendo deste modo nutridos de múltiplos tipos de uso. Este conceito, na arquitectura, poderá ser associado à relação que temos vindo a compreender entre a habitação e a natureza, no sentido em que esta funde dois universos distintos, o interior e o exterior. Com isto provoca a multiplicidade de funções, a que este espaço se propõem. A permeabilidade espacial, resultante da condição de fusão, poderá conduzir à maximização das possibilidades, do espaço dotado da condição híbrida de interior-exterior.

Pela sua multiplicidade funcional, este espaço híbrido, poderá ser muitas vezes difícil de definir, e qualificado como afirma Sou Fujimoto como uma área cinzenta, um campo de áreas indefinidas. *Fujimoto, S. (2003-2010)* Porém, esta área cinzenta e indefinida comporta também ela segundo Tettoni,*"a mais harmoniosa e natural das construções arquitectónicas." Tettoni, L. I. (1998)* A análise do cariz híbrido da fusão, poderá conduzir à compreensão das suas principais motivações, do seu desenho e características físicas, bem como a sua influência no bem-estar do habitante.

[5] Thomas, S.R.M.F.S. (2009)

"A natureza não invade espontaneamente o artefacto cultural que, aqui é, a casa. (...) A natureza e a cultura permanecem separadas; tocam-se, mas não se interpenetram (…) uma estranha tensão enche o espaço." Sobre a arquitectura de Sou Fujimoto, H.Gleiter, J. (2013) [6]

Esta tensão, que enche o espaço e o completa, é resultado deste, híbrido interior-exterior, espaço formalmente indefinido e que se maximiza aquando da fusão. É através desta penetração espacial que encontramos o cariz híbrido deste espaço. A alteração da percepção espacial dá-se aquando da transformação da "*arquitectura num campo com áreas indefinidas e perturbadoras* ", no sentido em que são estes momentos de fusão espacial e estética que provocam novas reacções no habitante.
Como principal motivação para a fusão espacial, está a equivalência dos espaços e a mutação do seu valor consoante o contexto onde estão inseridos, factor que permite serem enriquecidos pela permeabilidade espacial aquando da fusão.

"Quando algo que era um aspecto secundário numa situação pode tornar-se o aspecto principal noutra, ou seja, quando os dois aspectos podem adaptar-se a condições específicas, temos então um sistema de valores em que não há hierarquia de importância entre as partes componentes. Quando, por exemplo, algo em um ordenamento arquitectónico, um elemento ou uma organização de elementos, pode desempenhar diversas funções dependendo de sua colocação em situações diferentes, então o seu valor deixa de ser constante. Cada elemento pode então, dependendo da maneira como é introduzido, desempenhar uma função fundamental, isto é, pode tornar-se o centro de um sistema; neste caso, podemos dizer que existe equivalência. (...)
Mas se partirmos do princípio de que cada elemento possui o seu próprio valor específico, nem maior nem menor do que o de qualquer um dos outros elementos, e que todos são iguais, então os nossos projectos terão uma organização fundamentalmente diferente: será uma questão de criar o equilíbrio correcto entre todos os elementos, para que cada um deles funcione ao máximo por si próprio, assim como também na sua relação com os outros."
Hertzberger, H. (1999)p.256

[6] H.Gleiter, J. (2013)

A maximização da função de cada espaço na sua relação com os outros, proporciona-se deste modo quando as mesmas se confrontam no mesmo ambiente. Este acontecimento exerce assim como descreve Gleiter, uma tensão que enche o espaço, na procura do equilíbrio entre os elementos. Esta perspectiva indica, que por vezes na linearidade da arquitectura existe espaço para a criação de áreas cinzentas e permeáveis, que exercem mais do que um sentido e se potencializam por esta possibilidade.

Segundo Gleiter, é este cariz variável da arquitectura que desperta a intriga do espaço misterioso e a vertigem própria da indefinição, no observador. O impacto da arquitectura no homem e no modo uso e interacção com a habitação, é também ele um dos motivos que contribui para o incentivo dos espaços híbridos interior-exterior. No sentido da criação de espaços que pelo seu conflito conceptual, também eles provoquem o habitante e induzam a sua utilização. É neste momento de convergência que a arquitectura é enriquecida de potencialidades.

O desenho e características formais dos espaços de fusão, são também eles reflexo deste cariz híbrido quer de utilizações, quer de sensações que o mesmo nutre. Na sua análise à obra de Sou Fujimoto, Gleiter destaca a imprevisibilidade da forma e a sensação de espanto do observador, naquela que não seria à partida a solução mais óbvia ou familiar.

"Contudo, para o espanto do observador, não são janelas; não conduzem ao interior da casa como seria de esperar, mas a um jardim com árvores. Assim, não medeiam um espaço exterior e um espaço interior (…) olhamos simultaneamente para dentro e para fora." H.Gleiter, J. (2013) [7]

Não falamos deste modo de um espaço mediador, mas sim de um espaço que em si comporta o exterior e o interior, não os divide, mas une-os. O desenho deste espaço, tal como de qualquer outro deverá como afirma Tzonis, ser um componente de reflexo do senso cultural e da identidade da tradição arquitectónica. [8]

[7] H.Gleiter, J. (2013). *A estética mais extrema a Arquitectura de Sou Fujimoto*.

[8] Tzonis, L. S. (2001). *Tropical Architecture : Critical Regionalism in the Age of Globalization* (W. E. Offices Ed.).

Capítulo III

A Arquitectura Tradicional Balinesa

A ilha de Bali

Localizada no oceano Pacífico e no sul da Indonésia, a ilha de Bali situa-se entre a ilha de Java, a oeste, e a ilha de Lombok, a este, caracterizando-se pelo clima tropical.

A sua principal cidade é a capital Denpasar, próxima da costa sul. A ilha é cortada por montanhas de este para oeste e o ponto mais alto é o monte Gunung Agung com 3142 m de altitude, que corresponde a um vulcão que entrou em erupção em 1963.

A sul, o declive diminui, dando lugar a uma planície aluvial, percorrida por rios trasbordantes no período húmido. Possui uma área de 5623 km^2 e uma população total que ronda os 3 375 900 habitantes. A principal religião na ilha é uma variação do hinduísmo, já que inclui rituais religiosos polinésios. Económica e culturalmente é uma das mais importantes ilhas da Indonésia. Os habitantes praticam a cultura do arroz em terraços alagados, e outras culturas como a cana-de-açúcar, café, tabaco, frutos e vegetais.

A particularidade da ilha, é também perceptível através do modo de estar dos habitantes, reflexo da religião e fusão cultural presente neste contexto. Estas condicionantes estão presentes desta forma, na arte e arquitectura da ilha.



11.Mapa da ilha de Bali.
Ilustrado pela autora da prova

Neste sentido também o espaço é na ilha de Bali, objecto de interpretação própria, e a posição da casa é também ela definida consoante critérios culturais Balineses.

"Para os Balineses tudo tem um espaço correcto no mundo, os deuses são associados a zonas altas, e os espíritos maléficos a zonas baixas. A correcta localização de ambos em relação ao mundo é importante pois determina a harmonia das relações com o universo."
Davison, J. (2003). Balinese Architecture: Tuttle. p.5

No caso concreto da arquitectura os Balineses utilizam uma roda conhecida como " Nawa-Sanga", que "*determina a orientação baseada nas quatro direcções cardiais e num importante foco central, quando interpretado com a origem Hindu, tem um cariz simbólico e associações aos rituais religiosos, tal como números correspondentes, cores, letras "mágicas" e significados místicos. Esta rosa-de-ventos permite a compreensão de uma estrutura que define a apropriada orientação dos edifícios."* Davison, J. (2003). Balinese Architecture: Tuttle.

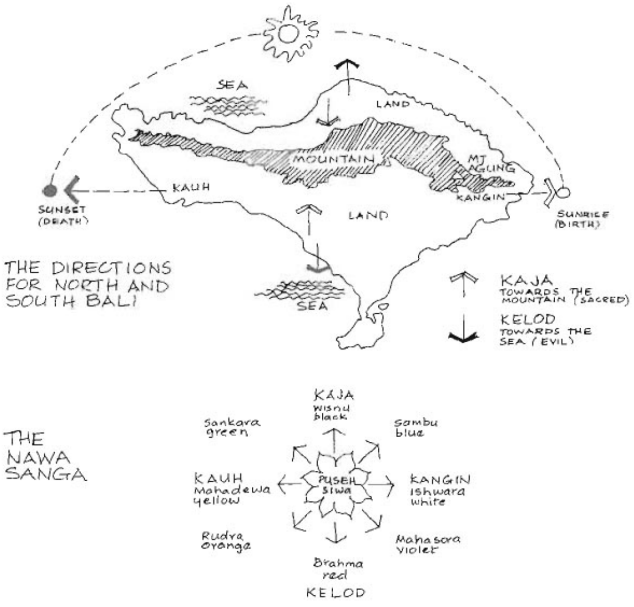
Assim, a localização e orientação da casa Balinesa é um objecto de estudo anterior à sua construção, e deve obedecer à estrutura e regras culturais aqui consideradas. Geralmente a arquitectura tradicional residencial é feita através de um muro alto, que rodeia todo o lote e cria uma barreira ao mundo estrangeiro. Dentro deste espaço as diversas divisões da casa existem enquanto pavilhões individuais e cada um representa a função a que está destinado, sendo confrontados com uma passagem coincidente com o jardim.

Está nesta arquitectura fortemente presente não só a relação com a medida mas também com a orientação espacial, factor que assegura que os edifícios e os habitantes estão favoravelmente posicionados.

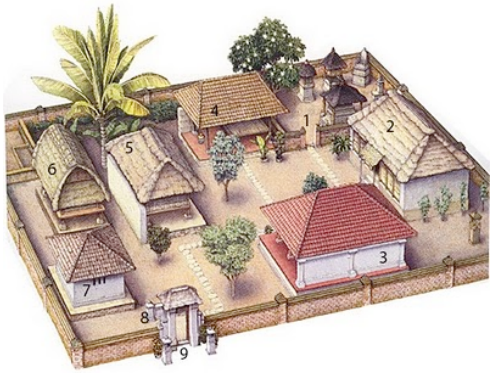
Contudo podemos considerar que a arquitectura Balinesa é influenciada por múltiplos factores externos à própria. Diversos factores condicionam e caracterizam a arquitectura tradicional Balinesa, a religião, a cosmologia, os rituais e as funções, combinados com o clima da localidade onde se situam, são factores determinantes na forma e função dos edifícios.Deste modo a arquitectura ultrapassa o cariz estético ou funcional, tornando-se para os Balineses num ritual religioso, um “adat”, um objecto vital e não uma forma de arte. Cujas preocupações primárias se prendem com a harmonia entre o homem e o universo.

A construção da habitação é comparada por Davison a um ritual pois na prática, são considerados factores como o alinhamento com a montanha sagrada Gunung Agung, bem como outros factores espirituais e métodos construtivos. “*A maioria das regras relaciona-se com o tamanho e a proporção do edifício individual e da sua relação uns com os outros em termos de distância entre os mesmos e da sua posição no interior do complexo residencial.”* Davison, J. (2003). Balinese Architecture: Tuttle. p.6

A arquitectura doméstica Balinesa define-se socialmente pelas castas a que os proprietários pertencem, o número de divisões da habitação, é deste modo associado o grau da casta.
Também a consideração do clima é neste tipo de construção valorizada, os pavilhões são geralmente elevados face ao chão e constituídos por pilares e tecto, com o mínimo de paredes possível pensado para captar qualquer brisa.



12.
Nawa-Sanga



13.
Habitação tradicional Balinesa

1- Templo/ *Purah*
2- Espaço de dormir principal
3- Espaço de domir secundário
4- Pavilhão de recepção convidados
5/6- Espaço de preparação de cerimónias - ”Lumbung”
7- Cozinha
8- *“Aling-Aling”*
9- Entrada

Por conseguinte a forma da habitação Balinesa vai também ela de encontro a soluções face ao clima presente neste contexto. Segundo Tettoni, *“ em todos os aspectos a Casa do Sudoeste Asiático apresenta uma solução admirável para os problemas ambientais resultantes de viver num clima quente e húmido, sujeito às chuvas sazonais de monção. Deveremos reconhecer que a casa no passado, como no presente, é muito mais do que um local onde se come, dorme ou se abriga. É sim uma estrutura simbólica ordenada, pela qual o valores sociais e orientações culturais são expressas. Muitos dos habitantes das casas (...) falam de karma ou de qualidades espirituais das casas onde vivem.” Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style. p.21*

Estes factores espirituais da habitação são respondidos neste tipo de arquitectura pela correcta orientação do espaço, devendo a casa estar alinhada com o percurso do sol, do nascer ao seu pôr.
Estas ferramentas de orientação espacial e de consequente definição do “correcto” posicionamento dos espaços no universo da casa são determinantes no desenho da distribuição dos espaços privados e comuns da habitação.

A caracterização da casa Balinesa pode deste modo também ser considerada pela distinção entre os espaços, privados- destinados ao uso mais reservado e exclusivo dos proprietários como o quarto ou pavilhão de dormir- e os espaços comuns - zonas de uso genérico dos habitantes, bem como de convidados, são zonas de serviço e espaços de convívio, caracterizando-se fortemente pela ausência de paredes e amplitude, muitas vezes não existe qualquer barreira física que os separe do jardim, apenas se encontram elevados face ao mesmo.

A análise desta relação entre si, ou seja, espaços privados e espaços comuns, é também feita na sua relação face à rua, na medida da compreensão da proximidade ou afastamento, adivinhando a sua exposição ou resguarde ao universo estrangeiro.Na presente tese, vamos ao encontro do entendimento deste conjunto de factores, procurando compreender a sua influência no desenho da habitação unifamiliar e nas soluções que este contexto apresenta de relações espaciais e momentos de convívio entre espaços interiores e exteriores da habitação num só - híbrido, propondo um habitar harmonioso e equilibrado.

Caracterização dos Materiais

A arquitectura tradicional Balinesa transporta consigo um conjunto de valores e regras definidos pela cultura, religião, e materiais vernaculares que a definem. A construção é feita maioritariamente por materiais orgânicos: madeira, bamboo, relva e fibra vegetal. Os materiais mais nobres são utilizados apenas pelas castas superiores, como sinal de poder e ostentação da sua posição social. A casa possui para eles um forte valor simbólico, é nela que ocorrem diversos eventos religiosos hindus, bem como rituais diários. Assim, os materiais e ornamentação da habitação traduzem também eles a sua forma de estar e crenças.

"Southeast Asia has a very ancient building tradition, one that is characterized by the use of natural materials- timber, bamboo, thatch and fibre- and a post and beam method of construction. Houses are traditionally designed round a rectangular wooden framework consisting of vertical posts and horizontal tie beams, supporting a pitched roof with gable ends. The living floor is raised off the ground on pile or stilt foundations." Asian Tropical Style - Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style. p.16

A caracterização da habitação é feita deste modo, segundo Tettoni, não só pela tradição arquitectónica mas também pelos materiais naturais associados às técnicas construtivas. Podemos assim interpretar que, para o autor, o factor diferenciador é a combinação das diferentes condicionantes, que juntas formam o que conhecemos como a arquitectura do sudoeste Asiático.

Este ambiente, apesar de testemunhado, é muitas vezes e difícil de reproduzir, renascendo com diferentes interpretações contemporâneas, em que as regras e tradições se mantêm, mas ganham diferentes potencialidades.

É na procura da harmonia encontrada na arquitectura tradicional que nos dias de hoje, e através da inserção de novos materiais e tecnologias, existe uma necessidade de integrar diversos elementos da arquitectura local, assim como alguns materiais mais tradicionais.

Esta nova relação surge principalmente com a procura de satisfazer necessidades contemporâneas, e de fornecer aos espaços o conforto da realidade ocidental. Pioneiro nesta combinação foi o Alemão Walter Spies, que em 1927 construiu a sua casa em Ubud (centro da ilha de Bali), e fundiu os seus conhecimentos europeus com a cultura da ilha.

“It's a juggling game of climatological and self-preservationary factors that has been played (and mastered) by traditional Asian cultures. Why mess if it works, i have to wonder? As Muller said: "What's the point?".
Asian Tropical Style - Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style. p.58

O processo de definição dos materiais e o seu uso não poderiam estar mais bem estabelecidos na cultura Asiática, outras intervenções deverão sempre contemplar este factor, pelo que muitas vezes são os materiais que vinculam as fronteiras ou coincidências dos espaços interiores/exteriores.

A forma e materiais na habitação estão deste modo adaptados face ambiente envolvente quer cultural como climático, tal como reconhece Tettoni *" the suitability and versatility of this architectural form in relation to the environment is obvious. Because the house is raised from the ground, it affords its occupants protection from dangerous animals and seasonal inundations associated with living in a tropical climate. (…) At the same time, the use of natural building materials with low thermal properties - wood, bamboo and tach - combined with lightweight construction techniques.” Asian Tropical Style - Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style.p.19*

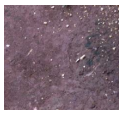
Desta forma, a identificação e compreensão dos tipos de uso dos materiais na arquitectura Balinesa poderá conduzir a uma maior facilidade da percepção da função dos espaços, que muitas vezes se encontram descaracterizados, pelo que poderão servir para diversas funções constituindo a ampla eficácia do espaço não-específico, a polivalência. Deste modo muitas vezes no contexto apresentado são os materiais que nos permitem distinguir ou compreender os seus propósitos funcionais.[9]



10.
Walter Spies
(1895-1942)

[9] Referência à citação de Hertzberger p.31 da prova

Tabela de caracterização dos materiais

Material	Imagem	Tipo de Uso		Descrição do tipo de uso
		Interior	Exterior	
Tijolo		X	X	Paredes
Bambu		X	X	Revestimento: Paredes; Tectos.
Madeira		X	X	Pilares Estruturais; Caixilharias; Paredes; Tectos.
Pedra		X	X	Revestimento: Pavimento; Paredes;
Azulejo		X		Revestimento: Pavimento; Paredes;
Terra			X	Pavimento exterior
Relva		X	X	Pavimento
“Alang-Alang”		X	X	Tectos

11

[11] A presente tabela foi realizada com base nos dados recolhidos nas fichas de levantamento realizadas pela autora da prova em 2014.

A Varanda: Espaço permeável

Na arquitectura Balinesa os espaços abertos são uma constante, o mais frequente é a Varanda. Este espaço geralmente antecede a entrada das divisões da habitação e é utilizado como uma zona exterior de lazer.

“Believed to be Anglo-Indian in origin, the word "verandah" has appeared in a variety of spellings- verandah, viranda, feerandah, to mention only a few. Whichever is used, however, the meaning is clear to anyone who has ever spent time in the tropics -" an open area, usually roofed and sometimes partially enclosed or screened, attached to the exterior of a house or other building.”
Asian Tropical Style - Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style.p.36

Este espaço, é segundo esta consideração, o reflexo do carácter da casa, tanto quanto o interior, e este é um importante centro da vida social.
O motor da vivência social no exterior da habitação é motivada quer pela questão cultural, quer pelo clima agradável que se sente nos trópicos, a varanda desperta deste modo o desenho do jardim, fazendo tal como nos interiores um jogo de camadas espaciais.

A varanda dá lugar a diversas actividades, sociais e individuais do habitantes, por vezes esta pode compreender áreas equivalentes ou superiores ao espaço interior da habitação, uma vez que nela se desempenham diversas tarefas e o seu uso é regular.

“The verandah is absolutely huge, as it stretches over almost the whole area of the house. Its size is echoed above it on the first floor, with another verandah which opens out into a deck. Even thought other rooms and bedrooms on both these stories, they are considerably *smaller, and the main focus of the house is on these enormous entertaining areas.* So, whether it be for an aperitif, a party, a sundown massage or some contemplative meditation, this is the place for it.”
Asian Tropical Style - Tettoni, L. I. (2001).p.53

A varanda constituí também ela um espaço híbrido, no sentido em comporta materiais interiores e exteriores, bem como funções dos dois espaços e embora seja neste contexto geralmente coberta, é também ela constantemente aberta nas suas laterais e frente, o que simultaneamente cria um “abrigo” face ao exterior no sentido da sua agregação ao espaço interior, e também uma exposição ao espaço exterior da habitação, por este ser um espaço semi-aberto.

“Soon enough, you are spending all your time in this indoor-outdoor hybrid, the most natural and harmonious of architectural constructions.”
Asian Tropical Style - Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style.p.56

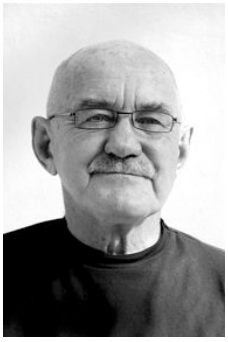
Neste caso, a varanda representa *“uma extensão do espaço habitável dentro de casa”* criando *“a fronteira ambígua entre o interior e o exterior- tão típica das bem adaptadas habitações dos trópicos." Robert Powell*
Asian Tropical Style - Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style.p.34

Nas habitações Balinesas quer tradicionais como contemporâneas, a varanda é um dos espaços mais utilizados, onde as famílias se reunem para momentos de lazer ao ar livre, onde as refeições são feitas e até onde alguns negócios se desenvolvem. Com a tecnologia do ar-condicionado, os inconvenientes do habitar interior foram combatidos, mas o valor da varanda na habitação manteve-se apesar deste factor.
Ainda que a sua apropriação pelo habitante seja diversa este espaço híbrido é sem dúvida um dos mais marcantes da habitação unifamilar.

Este espaço é distinguido não só pelos seus materiais, como descrito pelos habitantes como o local de eleição da habitação, visto quase como uma forma de estar e viver a casa. Pois permite uma experiência “outdoor” no seio da habitação com a privacidade que a mesma suporta.
É neste espaço híbrido que a maioria dos habitantes prefere dar lugar a diversas actividades diárias, desde as suas refeições, a momentos de convívio familiar.



14.
Varanda
Habitação nº3



15.
Robert Powell
Arquitecto e
Autor Australiano



16.
Varanda da
habitação nº36

Capítulo IV

Fichas de Levantamento e observação dos espaços

Caracterização do levantamento

No seguimento da temática do trabalho desenvolvido, apresenta-se no presente capítulo o conjunto de fichas de levantamento, das cinquenta habitações unifamiliares visitadas na ilha de Bali, conforme descrito na metodologia do trabalho.

O conjunto das habitações visitadas engloba habitações tradicionais e contemporâneas, uma vez que o foco da análise são os espaços híbridos e o seu respectivo desenho e relação interespacial interior-exterior.

Focalizou-se desta forma o estudo na habitação unifamiliar corrente de forma a perceber a diversidade de soluções para os espaços híbridos da habitação, neste contexto. Deste modo, a investigação efectuada visou o reconhecimento e identificação destes espaços para a sua compreensão.

No processo de visita às habitações foi realizada uma ficha de levantamento que integra: um levantamento aproximado através de esquissos das habitações, um questionário de caracterização da habitação e dos materiais. As habitações encontram-se numeradas por ordem cronológica das visitas, sendo que a habitação nº1 corresponde à primeira habitação visitada e assim sucessivamente. Foi também realizado um levantamento fotográfico das habitações com vista a apoiar e complementar a informação das mesmas.

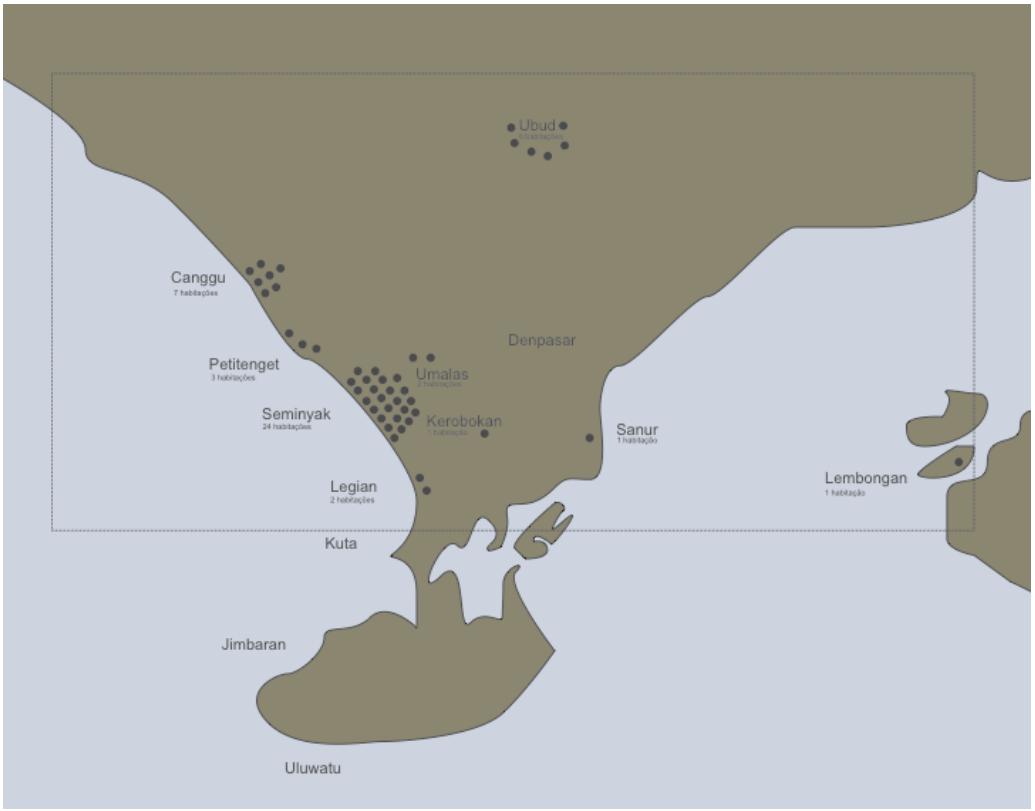
A apresentação das fichas nesta prova é feita em duas páginas por habitação, e dá a conhecer as características de cada uma, bem como apresenta um esquema da sua relação face ao lote, analisada posteriormente na análise do levantamento.

A leitura e interpretação das fichas de visita, visa ser um complemento à contextualização do objecto de estudo, os espaços híbridos interior/exterior na habitação unifamiliar em Bali.

Nota: Todos os dados incluídos nas fichas são referentes ao ano de 2014. A ausência de alguns dados ocorre pela falta de colaboração de alguns moradores. Todas as fotografias e desenhos foram realizados pela autora da prova com a excepção das fotografias das habitações nº 22 e 50 cedidas pelos proprietários.

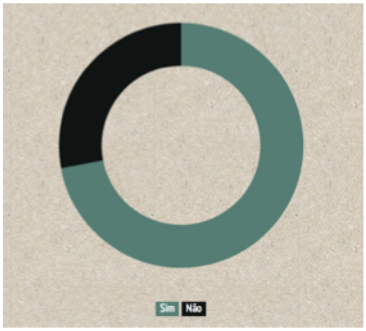
Análise interprertativa do trabalho de campo

Uma vez o trabalho de campo efectuado, procedeu-se a uma análise interpretativa com base nos dados recolhidos nas fichas de levantamento e observação. Por questões logísticas, uma vez que a ilha se encontra dividida por uma região montanhosa a maioria das habitações visitadas situam-se na região sul da ilha.



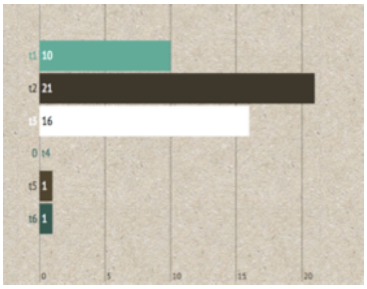
17.Mapa das habitações visitadas na ilha de Bali
Ilustrado pela autora da prova

No mapa acima, é possível reconhecer que a maioria das habitações visitadas está situada na costa sudoeste da ilha, encontrando-se a sua maioria na extensão entre Legian e Canggu, com maior incidência em Seminyak. Constatou-se uma recorrência à tipologia T2, em vinte e uma habitações e uma predominância de edifícios do tipo B, edifício recuado face ao lote. Optou-se por representar esta relação num desenho esquemático, permitindo a abordagem clara das características gerais das habitações.



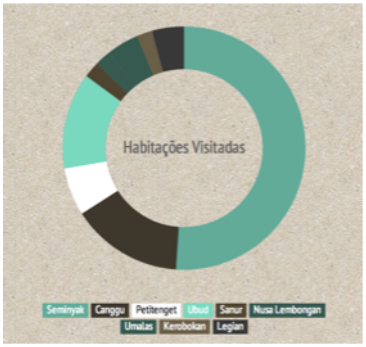
A. PROPRIETÁRIO?

Este esquema demonstra que na maioria das habitações visitadas a residência é feita pelo proprietário, constatando uma minoria para situações de arrendamento.



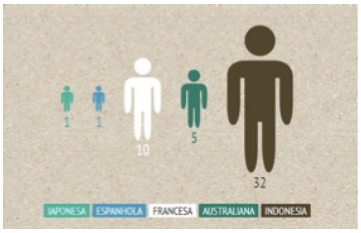
B. TIPOLOGIA

A tipologia mais frequente nos casos visitados é o t2, seguindo-se do t3 e do t1.



C. LOCALIZAÇÃO

A maioria das habitação incluídas neste estudo encontram situadas em Seminyak, Canggu e Ubud.

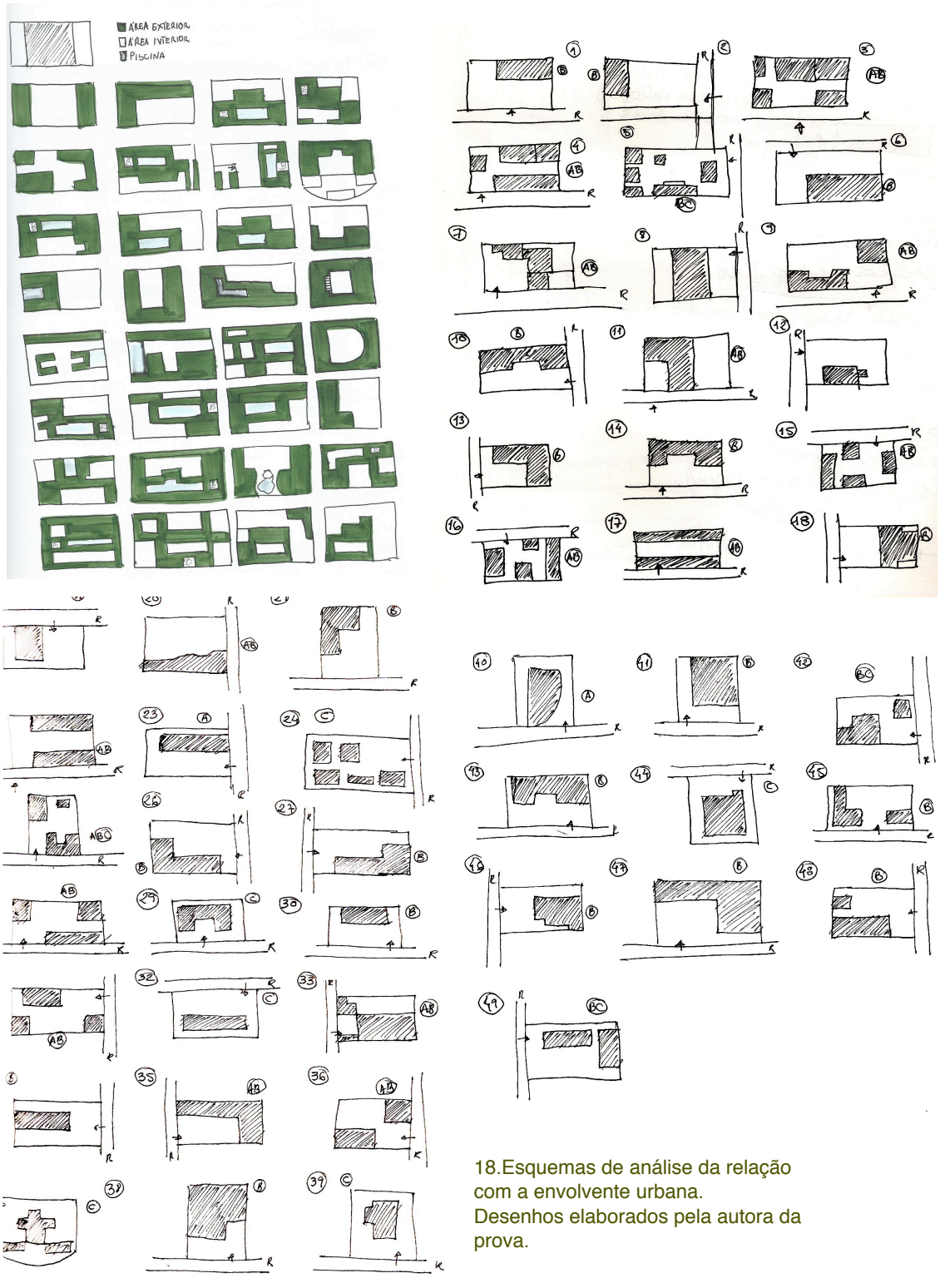


D. NACIONALIDADE

A maior parte dos habitantes das residências visitadas são Indonésios.

Após a recolha dos dados quantitativos apresentados acima, foi realizado um estudo incidente nos dados qualitativos da habitações visitadas.

Esta análise incidiu sobre duas vertentes, a relação da habitação com a envolvente urbana, aqui designada como topologia do lote que visou a consideração de três elementos principais: a rua, o lote e a área construída de cada habitação, de forma a estabelecer tipologias que permitissem definir a relação espacial entre estes três elementos nas habitações unifamiliares apresentadas. Desta forma, foi realizado um desenho simplificado dos elementos num esquema de análise que posteriormente conduziu à categorização destes elementos.



18.Esquemas de análise da relação com a envolvente urbana.
Desenhos elaborados pela autora da prova.

Com base nos esquemas de análise desenvolvidos, foram então agrupadas em tipologias as diferentes características espaciais referentes à relação com a envolvente urbana.

Tipo A: Nesta tipologia o edificado encontra-se parcial ou integralmente posicionado face à rua, e a área do jardim adjacente está por sua vez recuado face à rua qualificando-se com uma posição posterior.

Tipo B: Esta tipologia foi a mais recorrente, e caracteriza-se pela área edificada se encontrar posicionada de forma recuada face à rua e consequentemente, o jardim antecede o edifício.

Tipo C: No tipo C, a habitação encontra-se isolada, assim o jardim está circundante à mesma e desta forma simultaneamente face à rua e recuado.

Tipo D: Nesta tipologia, o edifício encontra-se centrado face à rua, não necessariamente isolado, pelo que poderá ocupar na horizontal toda a área do lote, e tal como o no tipo C o jardim antecede o edifício e também o procede.

Tipo AB: Esta tipologia surge da combinação de dois géneros diferentes, neste caso, de edificado face à rua e recuado, ocupando o jardim uma posição central da habitação.

Tipo BC: No tipo BC, surge novamente a combinação de duas tipologias, a de edifício recuado e de núcleo central, deste o modo o jardim encontra-se posicionado face à rua.

Tipo ABC: Esta última combinação resulta três tipos diferentes, o de face à rua, recuado e núcleo e faz com que o jardim se posicione de forma abstracta, dispersa por todo o lote.

Após este reconhecimento, foi então realizado um esquema que sintetiza esta informação graficamente e estabelece a relação das categorias, com o número de habitações correspondentes, permitindo comunicar as informações colectadas e concluir quais os géneros mais frequentes desta relação verificados nas habitações visitadas.

Deste modo, considerando a relação com a envolvente urbana, conforme exposto, através do gráfico acima, podemos verificar que a tipologia predominante é a do tipo B, na qual o edifício se encontra recuado face à rua, esta modalidade foi verificada em 18 habitações, sendo a tipologia mais recorrente a seguir a esta a AB, que combina duas tipologias: face à rua e recuado, situando-se desta forma o jardim maioritariamente de forma antecedente ao edificado ou centralizado.



19.Gráfico de caracterização da topologia do lote - relação com a envolvente urbana

A relação da habitação com o jardim existe deste modo enquanto filtro entre a rua e o edifício, uma vez que pela sua posição antecedente corresponde a um espaço de fronteira entre o universo estrangeiro e o universo da habitação. Mediador da relação entre estes dois ambientes, sendo desta forma possível relacionar este facto, com a anterior perspectiva presente no Bairro da Encarnação *(ver capítulo I pág.15)* em que os espaços verdes são elementos delimitadores e responsáveis por proporcionar diversos contextos de uso, mas também como manifestações da sensação de acesso explicada pelo arquitecto *Herman Hertzberger (ver capítulo II pág.24)*.

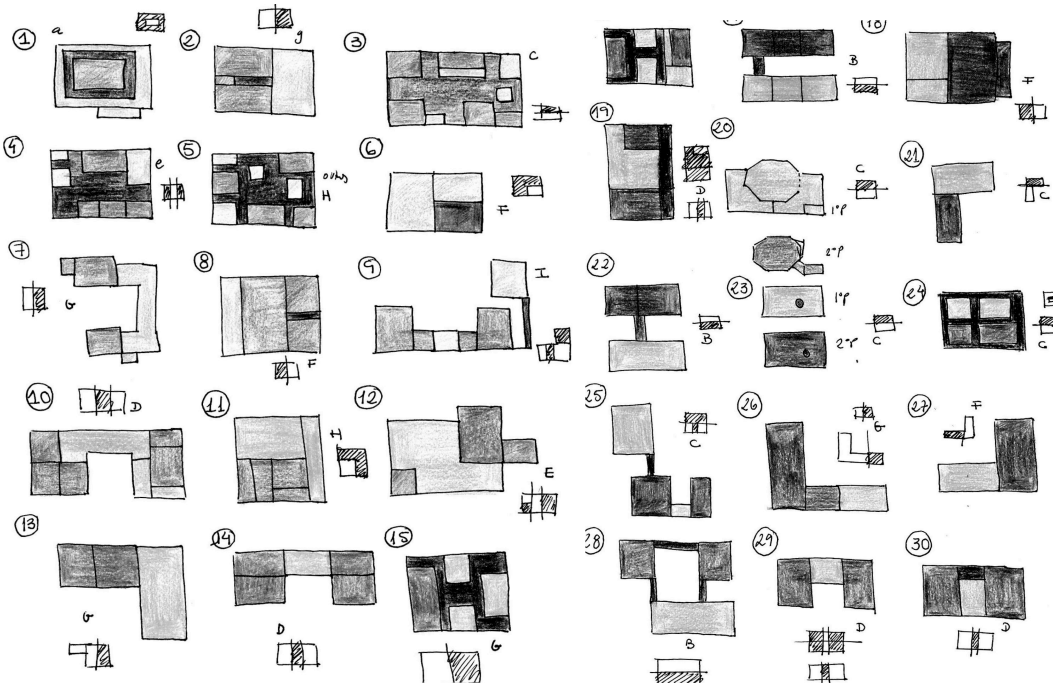
Na segunda tipologia em análise AB, verificada em 15 habitações o jardim surge como ponto central da habitação, neste em lugar de significar a fronteira entre o universo estrangeiro e a habitação, desenvolve-se no sentido de criar um espaço tal como referido anteriormente *(ver capítulo II pág.22)* aberto e central, em oposição ao restantes espaços fechados da habitação, na procura de um momento de contacto com o exterior num ambiente protegido.

Numa segunda fase da análise qualitativa, e uma vez realizado o estudo do posicionamento do edificado no lote face à rua, foi então feito um estudo cujo objectivo se prende com a determinação da relação dentro do lote, entre os espaços privados e comuns, esta análise foi possível através da recolha etnográfica de caracterização dos espaços interiores apresentada nas fichas de levantamento. Este estudo, pretende hierarquizar os espaços da habitação, que foi inicialmente trabalhada de forma tripartida, considerando espaços privados, comuns e transitórios.

Neste contexto verificou-se que a repartição tripartida não caracterizava a realidade destas habitações, uma vez que os espaços são justapostos e a passagem de uns para os outros é feita sem espaços de separação.

O interior doméstico foi então trabalhado de forma a considerar dois elementos principais: os espaços comuns entendidos nesta análise, como espaços de uso colectivo, como a sala, a varanda, o balé, a cozinha, o corredor e instalações sanitárias não relacionadas com o quarto; E os espaços de uso privado, como o quarto e as instalações sanitárias de acesso feito a partir do mesmo.

Para esta caracterização da análise foi realizado um desenho esquemático de cada habitação de modo a estabelecer diferentes tipologias que extrapolassem os dados obtidos a partir das fichas de levantamento das habitações visitadas.



20. Esquemas de análise da relação entre espaços privados e comuns. Desenhos da autora da prova.

Através deste estudo, foi possível reconhecer diferentes relações espaciais entre estes dois elementos, espaços interiores e espaços comuns. Considerados pelas diferentes categorias:

Tipo A: Nesta tipologia verifica-se o espaço comum posicionado ao centro e os espaços privados distribuídos em ambas as laterais.

Tipo B: No tipo B, o espaço comum encontra-se antecedente ao espaço privado.

Tipo C: Nesta tipologia sucede o inverso da tipologia anterior, desta forma o espaço privado antecede o espaço comum.

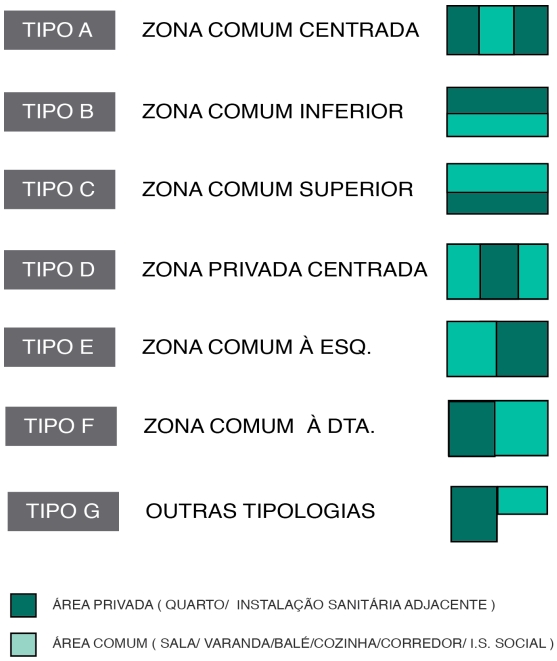
Tipo D: Esta tipologia traduz o posicionamento da zona comum da habitação na lateral direita e respectivamente a zona privada do lado esquerdo.

Tipo E: No tipo E, a zona comum da habitação posiciona-se do lado esquerdo e respectivamente a zona privada do lado direito.

Tipo F: Nesta tipologia ocorre o inverso da tipologia A, e o espaço privado ocupa deste modo o espaço central, a zona comum encontra-se distribuída em ambas as laterais do espaço privado.

Tipo G: O tipo G, pretende agrupar outras tipologias menos recorrentes.

Após esta recolha e posterior categorização, foi então elaborado um esquema sintético desta informação que tal como no caso da relação com a envolvente urbana, visa relacionar a recorrência das tipologias apresentadas nas habitações visitadas.



21.Gráfico de caracterização dos interiores - espaços privados e comuns.

A caracterização dos interiores da habitação na sua relação entre espaços privados e comuns, acontece maioritariamente em casos do tipo A, em que a zona comum se encontra centrada e as zonas privadas de ambos os lados repartidas, também num número de casos considerável, o tipo C, cuja zona comum antecede a zona privada, foi verificado.

Este resultado, permite concluir que a pela sua posição central, a zona comum da habitação por vezes semi-aberta apresenta uma maior valorização, coincidente com as funções associadas a este espaço de uso colectivo. Este facto poderá ser relacionado com a teoria de Hertzberger face ao caso da Villa Savoye, em que o autor identifica o momento central da habitação como sendo um espaço de estar e lazer semi-exterior *(ver capítulo II pág.23).*

Num segundo aspecto relativo à tipologia C, o espaço comum da habitação exerce um filtro entre a área comum da habitação e a privada, que tal como acontece com a tipologia B da relação com a envolvente urbana, aqui este espaço medeia o acesso à zona privada de acesso mais restrito.

Através desta análise, é também possível constatar que neste contexto o exterior assume a mesma área ou maior que a do espaço interior, revelando a sua valorização através da sua acentuada presença no espaço da habitação.

Este fenómeno poderá desta forma, remeter para o princípio enunciado por Hertzberger de equivalência *(ver capítulo II pág.30)*, em que o autor manifesta que quando dois aspectos se podem adaptar de acordo com condições específicas, compreendemos um sistema de valores em que não existe hierarquia de importância, e o valor deixa de ser constante. Desta forma, cada elemento pode, dependendo da sua introdução, desempenhar um papel fundamental e tornar-se o centro de um sistema, verificando-se a equivalência. No entanto, considerando o valor individual de cada elemento, a questão prende-se com o equilíbrio entre todos os elementos potenciando o valor não só individual como colectivo de um sistema.

11

No cruzamento entre o trabalho teórico e prático, foi estabelecida a correspondência entre os resultados da investigação bibliográfica e o trabalho de campo. Através das diferentes etapas da análise foi possível amadurecer a assimilação dos elementos físicos do espaço juntamente com o conhecimento da matéria teórica, o que solidificou o questionamento e a análise, numa reciprocidade entre estas componentes.

Factor que permitiu a estruturação e definição dos resultados apresentados, gerados a partir da complexidade de possíveis diferentes interpretações, pois cada habitação é em si uma realidade única. Trata-se desta forma, de gerar uma aproximação ao ponto de vista em análise, destacando a ambivalência dos diferentes espaços da habitação e a dinâmica dos seus diferentes elementos resultando numa versatilidade de interacções, reconhecendo o potencial da diversidade formal no cruzamento de múltiplas dimensões.

A análise foi ainda mais aprofundada, no sentido de caracterizar e compreender a relação interior/exterior própria deste contexto nos casos específicos em que a mesma foi reconhecida, desta forma numa outra fase foram ainda estudados os casos específicos da relação interior/exterior, definidos pela sua característica híbrida, em momentos da habitação tais como: espaços de higiéne: “ a casa-de-banho jardim”, espaços de alimentação e confecção, e espaços de estar e oração.

---

[12] *Hertzberger, H. (1999) p.256*

Capítulo V
Casos específicos da relação

Espaços de Higiéne: " A casa-de-banho jardim"

O clima tropical sentido em Bali, faz com que a água seja um elemento privilegiado neste contexto. A água é um importante mediador do clima que desempenha uma função de redução do calor sentido neste ambiente. Este recurso desempenha um papel vital na irrigação dos campos de arroz e possui um significado de agente de purificação, proprietário de qualidades curandeiras, sendo também visto como um importante factor de equilíbrio da habitação, no sentido em que os espaços de água são interpretados como "vida" e também eles são conotados pelos balineses numa interpretação religiosa, onde a água tem o significado de um elemento sagrado que provém dos lagos vulcânicos da montanha central, acreditando que esta traz consigo a pureza dos deuses.

"Water is the source of life for the Balinese; it is also a wonderful cooling element in a hot and humid climates." Francione, G. (2000). Bali Modern : the art of tropical living: Periplus.p.153

No contexto da habitação unifamiliar, a água surge sobre diversos formatos, quer seja em cascatas, piscinas, lagos, duches exteriores, ou no espaço da casa-de-banho. Para os balineses, o ritual do banho é mais do que a limpeza do corpo, mas também a limpeza da mente.

Deste modo, o momento do banho é associado a um processo de purificação pela água, e corresponde a rituais como a meditação, por este motivo surge em diversas ocasiões em espaços resguardados da habitação e em confluência com um jardim privado, pensado para que o momento do banho nutra do ambiente necessário para este ritual.

"The Balinese associate their spring-fed bathing places with the medidation caves of the ascetics who once used them. Bathing is not only about cleaning the body but also the mind." Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style. p.119

Originalmente o banho era feito no rio *“spring-fed bath”*, o transporte do banho para a habitação foi feito inicialmente através de um *“mandi”,* sendo que este modelo de espaço de banho ainda se mantém nas habitações tradicionais balinesas, principalmente nas que se encontram localizadas em zonas mais remotas ou menos desenvolvidas.

Em 1972 foi desenhado pelo arquitecto Peter Muller em Legian (Bali), a casa-de-banho aberta para o Kayu Aya Hotel (actual Oberoi) que criou uma verdadeira inspiração para os sucessores desenhos deste espaço da habitação. Este visava o respeito pela natureza e materiais naturais e ia de encontro ao inicial ritual de banho balines ao ar livre, fazendo deste um espaço privado e íntimo onde o banho poderia regressar ao seu motivo inicial de meditação, purificação e equilíbrio homem/natureza.

O ritual do banho, foi deste modo impulsionado por Muller como um momento refrescante que deveria nutrir de um espaço aberto, onde o exterior estaria enaltecido pela casa-de-banho. Inspirado pela sua origem exterior (no rio), este propõem introduzir um novo “prazer” a uma área que até à data na habitação ocupava um espaço fechado.
Até à actualidade o desenho da casa-de-banho aberta tem vindo a tomar novas formas e tipologias na sua relação com jardim, fazendo desta área um espaço híbrido interior/exterior.

Os espaços de higiéne na habitação unifamiliar passam por um processo progressivo de conversão em espaço híbrido, este que na sua forma inicial *“mandi”* correspondia uma área fechada da habitação, é redesenhada por Muller num formato inclusivo de um jardim na mesma área e aberta face ao mesmo. Este desenho foi desta forma sendo reintrepertado, dando origem a um novo espaço híbrido da habitação, a casa-de-banho.

“Gardens reflected in mirrors, towels hanging on wooden pegs in the sun and the bathing space in a drying breezeway are elements i hold dear when designing a bathroom space.” Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style p.114

A casa-de-banho passa então, a corresponder a um espaço refrescante e purificante tal como o valor associado nesta cultura à água, e o seu desenho é desenvolvido, privilegiando o contraste do jardim face aos materiais da casa-de-banho, propondo nesta área um espaço completo e nutrido de sensações para o habitante.

Este espaço da habitação, ocupa sobre a perspectiva de Lawrence Blair um ”Water play garden”, onde é possível experiência diversos momentos, como o banho à luz da lua ou o relaxamento do silêncio e do cair da água, num banho ao ar livre.

Os casos das casas-de-banho das habitações apresentadas, foram seleccionados pela diversidade formal das soluções híbridas, apresentando diferentes respostas para o objecto de estudo. Enriquecendo deste modo a compreensão dos espaços híbridos de banho neste contexto.

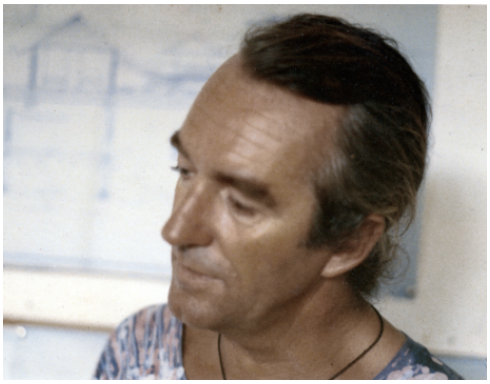
Na presente tese, compreendemos que a casa-de-banho poderá relacionar-se com a área exterior que a integra de diferentes formas, constituindo deste modo diferentes tipologias da relação interior-exterior neste espaço.

Assim sendo esta relação poderá ser semi-aberta, delimitada por paredes ou muros na sua totalidade, encontrando-se parcialmente coberta (geralmente deixando apenas descoberto a zona do duche ou banheira, e o jardim adjacente) ou ainda fechada, totalmente coberta e delimitada por paredes (esta tipologia nutre na sua maioria de plantas interiores integradas no espaço e de janelas ou clarabóias).

A tipologia mais comum é a “semi-aberta”, por abrigar parcialmente o espaço e o dividir entre a zona de água e a zona “seca”, criando através da cobertura uma divisão espacial entre estes dois ambientes, o espaço jardim da casa-de-banho está na sua maioria relacionado com a zona de água, e portanto também ele não é coberto. O tipo fechado, apesar de mais invulgar é geralmente encontrado em casas-de-banho de uso comum e que não comportam espaços de água. Mas nas excepções apresentadas é clara a intenção do transporte do exterior para estes espaços.



22. Casa-de-banho do Hotel Kayu Aya 1974



23.Arquitecto Australiano Peter Muller Bali, 1974

Espaços de Alimentação e Confecção

O preço acessível da alimentação local, faz com que a maioria dos Indonésios faça as suas refeições na rua, no entanto a maior parte das habitações de arquitectura local possuem um espaço interior, de “cozinha” e uma bancada exterior de preparação de oferendas e rituais para cerimónias, este comporta também ele uma zona de corte de alimentos que fazem parte do ritual religioso, e é neste espaço que por vezes se encontra o fogão e onde se coze o arroz, ou se faz a preparação esporádica de algumas refeições.

A cozinha como a conhecemos na realidade ocidental, é uma ideia implementada na arquitectura contemporânea importada por estrangeiros que com eles transportaram a necessidade da tecnologia e infra-estruturas a que estamos habituados a ver nesta divisão da habitação. Assim sendo, esta só cruza maioritariamente o carácter híbrido aquando desta “importação” fundida com as restrições da arquitectura balinesa, adquirindo também ela este estatuto.

A cozinha, relaciona-se com o jardim de diferentes formas, nas habitações visitadas, foram identificados casos em que a cozinha estava “no meio” do jardim, associada a outras divisões como a sala, mas também ela na sua maioria está semi-aberta ao jardim, e permite que este estabeleça uma relação íntima com este espaço da habitação.

Espaços de Estar e Relaxamento

A sala de estar aberta

No estilo de vida tradicional, as famílias vivem geralmente juntas, ou em habitações próximas, o que faz com que os encontros e convívios sejam frequentes, vernacularmente estes convívios são realizados no universo da habitação, nas varandas. Mas a principal motivação para encontros sociais é a religião, assim sendo muitos destes convívios tomam lugar na rua ou nos templos.

Na habitação contemporânea, o convívio é feito também em salas de estar abertas, onde alguns dos proprietários admitem preferir receber amigos ou a família.

No prolongamento do jardim para o interior da habitação encontramos o espaço híbrido, desta vez associado a uma função de lazer da habitação, a sala. E também ele conforme as suas características se relaciona com o exterior de diferentes formas.

"A sala de estar aberta é o coração da casa tropical. Tudo o resto deve irradiar a partir dela."(Peter Muller) Tettoni, L. I. (2001). Tropical Asian Style.p.54

O Balé

Na sua fisionomia, o Balé é descrito como uma plataforma de madeira de quatro pilares, protegido por um telhado de palha *“agung-agung”.* Contudo apesar da interpretação vernacular remeter este pavilhão para uma função religiosa, este tem vindo a desempenhar diferentes papéis na habitação unifamiliar, sendo o mais frequente de um espaço de relaxamento.

“Ce respect s'exprime également dans les multiples pavillons à l'architecture exubérante, souvent mis en valeur par des accents végétaux d'une grande finesse. Le résultat, conjonction magique du construit et du naturel - et aussi, pour les plus réceptifs, du surnaturel - touche au mystique.” Wijaya, M. (1999-2002). L'art du jardin tropical (T. Guidicelli, Trans. L. É. d. Pacifique Ed. 148 ed.)p.47

A conotação mística do Balé tem origem no seu uso vernacular de meditação e contacto com os deuses, este por se encontrar aberto e posicionado no jardim, tradicionalmente junto a espaços de água e geralmente elevado face ao chão, confere ao utilizador, sobre as crenças balinesas um espaço de equilíbrio adequado para esta função.

As suas características fazem dele um elemento eleito para outros contextos tropicais, na procura de um espaço híbrido de relaxamento. O seu transporte e reintrepertações revelam que a sua essência é reconhecida no contexto da casa tropical.

Capítulo VI
Conclusão

De acordo com a introdução, durante este estudo foi fundamental compreender as motivações da introdução da natureza na habitação unifamiliar e as razões que conduzem à sua importância e consequente fusão com o espaço interior doméstico, reconhecendo o valor dos espaços híbridos interior/exterior, na habitação unifamiliar. Foi deste modo necessário entender o potencial destes espaços no universo da habitação. Pela investigação conduzida neste trabalho foi possível tomar consciência da complexidade do conceito, que mais do que uma motivação ou consequência formal, engloba o cruzamento de duas realidades distintas permitindo o contacto com duas dimensões.

Como vimos na introdução, esta mesma relação surge quer pela carência de contacto com a natureza *(pág.12)*, quer pela procura do equilíbrio entre o meio natural e o construído, pela intenção de concretizar no universo da habitação o contacto com o universo estrangeiro.
Neste, o habitante poderá usufruir deste contacto no ambiente controlado e protegido da habitação, constituindo também este espaço, um estímulo para o utilizador (*pág.23*) no sentido em que este desperta a acção individual e social.

Tal como estudado, a procura de espaços híbridos na habitação tem vindo a tomar diferentes formatos, influenciados pelo contexto histórico, social ou cultural. No caso específico da habitação unifamiliar balinesa estes espaços híbridos revelam-se mais evidentes, pela clara necessidade climática de expor a habitação ao exterior, esta revela no seu aspecto formal a intenção de manter o desenho da habitação de acordo com o seu desenho vernacular, cujo lote se encontra cercado de muros e as divisões da habitação existem enquanto pavilhões independentes, onde a ausência de portas e paredes em diversos casos fundamenta a estreita relação interior/exterior.
Também o reconhecimento cultural do valor da natureza aproxima estes dois universos que por vezes são nos seus limites quase imperceptíveis, distintos na maioria dos casos pelos materiais que os caracterizam. Este espaço híbrido, desempenha desta forma um papel fulcral na habitação balinesa, enquanto elemento unificador das duas realidades, instigador do equilíbrio da habitação e do habitar.

A estruturação do trabalho foi fundamental para o resultado alcançado, a identificação dos espaços híbridos no contexto da habitação unifamiliar. As questões levantadas numa fase inicial do trabalho conduziram a um estudo amplo e aprofundado do objecto de estudo.
Desta forma foi possível compreender o papel destes espaços na habitação, bem como as suas variáveis formais e respectivas motivações.
O estudo teórico, foi um auxílio fulcral para o tratamento das questões relacionadas com a habitação e a inclusão da natureza neste universo. A complementaridade da teoria e da prática, estabeleceu os pontos de ligação entre ambas. A assimilação deste conceito foi progressiva e não imediata, resultado desta complementaridade metodológica, o contacto com os diferentes campos de trabalho, auxiliou a criação de bases sólidas de questionamento e análise dos espaços híbridos. Assim estes espaços foram observados não só pelas suas qualidades físicas, como apreendidos com um olhar transversal, concedido pela clareza do exercício teórico e experiência tomada aquando da emersão neste contexto.

A habitação corrente analisada, reflecte a intuição inicial que se prendia com a possibilidade de encontrar respostas múltiplas para o objecto de estudo. Os dispositivos espaciais analisados tiveram como propósito acentuar o caracter transversal deste conceito, para alcançar o equilíbrio entre os dois universos e a harmonia formal, atribuindo ao habitar: saciedade individual, plenitude e privacidade. Os dispositivos em questão para o alcance deste conceitos foram a dissociação dos compartimentos da habitação, a ausência de portas e a exposição da habitação ao exterior, nos casos específicos da varanda, casa-de-banho, sala, cozinha e balé. Dispositivos que neste contexto oferecem ao habitante a possibilidade de estabelecer o contacto com a multiplicidade oferecida pelos dois universos interior/exterior, na procura do desejo pessoal de habitação ideal.

A existência de diferentes possibilidades criadas por propósitos diferenciados, admitem a permutação de usos ou de funções, e criam desta forma, uma multiplicidade de opções. Estes espaços com características semelhantes, pela sua fusão com o exterior nutrem deste modo da possibilidade de diferentes usos pelo habitante. Resultantes do diálogo entre o projecto e as necessidades do contexto em análise. Sugerindo uma ambivalência entre o interior/exterior, realçada pelos dispositivos identificados.

Este estudo permitiu concluir que os espaços híbridos não dependem de conceitos espaciais inovadores, mas muitas vezes de novas interpretações de soluções tradicionais contrapostas a necessidades contemporâneas, na procura de conceder ao exterior uma equivalência ao interior.
O desenho desta relação pelo seu cariz distinto do contexto ocidental, integra também ele uma diferente forma de habitar o espaço doméstico, num relação mais íntima com o espaço exterior.

De forma geral, podemos concluir que os conceitos que basearam o trabalho de investigação como : o equilibrio funcional dos espaços, cuja importância pode ser variávelsegundo o contexto, bem como a função simbólica dos espaços verdes, clarificaram a análise neste caso de estudo, sendo a relação interior/exterior muito estreita e influenciada pelo factor cultural, social e climático da ilha.

Segundo Howe, Ratna Darmiwati, Muhammad Faqih e Arina Hayati, a arquitectura tradicional da casa balinesa de contemplar quatro características:

• O alinhamento cósmico dos edifícios, segundo o esquema “Nawa-Sanga”.
• O facto da habitação enquanto unidade ser constituída por partes, em que cada uma corresponde a uma parte do corpo humano.
• A unidade de medida utilizada no desenho da casa é definida de acordo com o tamanho físico do proprietário.
• E ainda a crença de que a casa também ela está “viva”.

Os Balineses acreditam que existe uma relação entre o universo/macro-cosmos, como ambiente natural e os micro-cosmos no caso da habitação, onde estes são complementares e formam a harmonia que sustenta o mundo.

Tendo em conta os objectivos propostos, o trabalho de investigação realizado permitiu identificar o valor dos espaços híbridos, enquanto elementos unificadores das duas realidades, que favorecem o equilibrio da habitação e do habitar no quotidiano. Como conclusão podemos reconhecer os seguintes elementos que incorporam a ambivalência interior/exterior com recurso: Estes dispositivos oferecem a possibilidade de estabelecer um contacto com a multiplicidade oferecida pelos dois universos .

Numa proposta em que o habitante pode controlar a sua relação com o exterior no espaço da casa, e usufruir da plenitude deste ambiente híbrido nos diversos espaços da habitação.

A natureza faz parte da vida e cultura Balinesa , ao ponto das suas casas também reflectirem essa intimidade.
Estamos perante a conciliação do bem-estar num habitar completo e estruturado, pensado para conviver harmoniosamente com o meio envolvente, resultando numa proximidade e relação profunda entre o interior e exterior.

O processo de trabalho que estruturou a análise, permitiu reconhecer a qualidade da habitação pela sua estreita ligação interior/exterior de acordo com as necessidades do habitante.
O papel do projectista está desta forma no limiar entre o domínio físico e a vastidão de necessidades humanas por vezes sublimes ou implícitas. A procura da ligação entre estes dois aspectos revela-se um instrumento fundamental, pois no bem-estar humano e na procura do equilíbrio entre os universos reconhecidos pelo homem, reside a complexidade das dimensões aprofundadas neste trabalho.

Estamos perante a conciliação do bem-estar num habitar completo e estruturado, pensado para conviver harmoniosamente com o meio envolvente, resultando numa proximidade e relação profunda entre o interior e exterior. O habitar em Bali, afasta a sensação de clausura na habitação e permite sentir liberdade e uma perfeita sintonia dos elementos no espaço da casa.

Referências Bibliográficas

Abalos, I. (2003). *A Boa-vida* (E. G. Gili Ed.).

_____

Bachelard, G. (1989). *A Poética do Espaço* (M. Fontes Ed.).

_____

Blaser, W. (2004). *Patios : 5000 años de evolucion desde la antiguedad hasta nuestros dias* (E. G. Gili Ed.).

_____

Cabral, F. C. (2005). *A Árvore em Portugal* (A. Alvim Ed.).

_____

Davison, J. (2003). *Balinese Architecture* (Periplus Ed.)

_____

H.Baker, G. (1998). *Le Corbusier: uma análise da forma* (M. Fontes Ed.).

_____

Flamand, J.-P. (2004). *L'Abécédaire de la maison* (E. d. I. Villette Ed.).

_____

Francione, G. (2000). *Bali Modern : the art of tropical living* (Periplus Ed.).

_____

Fujimoto, S. (2010). Sou Fujimoto (2003-2010). (Revista *El Croquis, 151*.).

_____

Grabham, S. (2000). *Ásia II : Enciclopédia de povos e países* (Everest Ed. Vol. 8).

_____

H.Girsberger, W. B. e. (1971). *Le Corbusier 1910-65* (G. Gili Ed.).

_____

H.Gleiter, J. (2013). *A estética mais extrema a Arquitectura de Sou Fujimoto* (CCB Ed.).

_____

Hertzberger, H. (1999). *Lições de Arquitectura* (M. Fontes Ed.).

_____

Mota, N. J. A. (2010). *A arquitectura do quotidiano : público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense nos finais do século XIX* (Coimbra Editora .).

_____

Perrinjaquet,R. (2005). Maison individuelle,architecture, urbanité: La maison se définit par son jardin, pp. 123-132 (Editions deIn l'aube)

_____

Pessoa, F. (1985). *Ecologia e Território, Colec. Viver e Preciso* (E. Afrontamento Ed.).

_____

Rybczynski, W. (2003). *La Casa Historia de una idea* (Nerea Ed.).

_____

Tettoni, L. I. (1998). *O Estilo Tropical Asiático* , traduç. Z. Morais (Livros e Livros Ed.).

_____

Tzonis, L. S. (2001). *Tropical Architecture : Critical Regionalism in the Age of Globalization* (Academy Press Ed.).

Wijaya, M. (2002). *L'art du jardin tropical* (L. É. d. Pacifique Ed. 148 ed.).

_____

Wijaya, M. (2002). *Architecture de Bali ; Traditions et modernité* (L. É. d. Pacifique Ed.).

_____

Índice e Crédito de Imagens

1. Fotografia da maqueta de Le Corbusier para o plano de uma cidade com 3 milhões de habitantes.

http://miliauskasarquitetura.files.wordpress.com/2012/01/maquette-corbusier-plan-voisin.jpg

———

2. Imagem dos três ímans de Ebenezer Howard, nome original “ The Three Magnets”, este esquema pretendia elucidar do conceito de Town Country, impulsionado por Ebenezer.

http://www.sacred-texts.com/utopia/gcot/gcot02.htm

———

3. Imagem de um postal do Bairro da Encarnação, com o desenho do plano urbanístico do bairro.

http://miudosbairroencarnacao.blogspot.pt/2010/10/antiga-borboleta.html

———

4. Fotografia aérea do Bairro da Encarnação.

http://miudosbairroencarnacao.blogspot.pt/2010/10/antiga-borboleta.html

———

5. Fotografia da Villa Savoye de Le Corbusier em Poissy, França.

http://www.bluffton.edu/~sullivanm/france/poissy/savoye/corbu6.html

———

6.Fotografia da Villa Savoye de Le Corbusier em Poissy, França.

http://www.ukessays.com/essays/cultural-studies/le-corbusier-villa-savoye-cultural-studies-essay.php

———

7. Fotografia do acesso ao complexo residencial em Bali.

Hertzberger, H. (1999). *Lições de Arquitectura*.

_____

8. Planta de habitação vernacular em Bali.

Hertzberger, H. (1999). *Lições de Arquitectura*.

_____

9. Fotografia da N House de Sou Fujimoto em Oita, Japão.

http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2008/10/1535055289_house-n-fujimoto-4738.jpg

10. Corte Ilustrado da N House de Sou Fujimoto em Oita, Japão.

http://www.archdaily.com/7484/house-n-sou-fujimoto/

_____

12. “Nawa-Sanga”, rosa-de-ventos utilizada pelos balineses para a orientação espacial.

Davison, J. (2003). *Balinese Architecture*: Tuttle.

_____

13. Imagem da habitação tradicional balinesa.

Davison, J. (2003). *Balinese Architecture*: Tuttle.

_____

14. Fotografia de Walter Spies. Cidadão alemão um dos primeiros estrangeiros a viver em Bali, a sua habitação em Ubud é reconhecida como uma das primeiras habitações construídas por esrangeiros na ilha, em 1927.

http://en.wikipedia.org/wiki/Walter_Spies

_____

15. Fotografia de Robert Powel, arquitecto e autor australiano.

http://www.dwellasiamag.com/filemodul/news/file_itemlampiran/54/__112654_vino_cms_.jpg

_____

22.Fotografia da casa-de-banho aberta do Hotel Kayu Ayu em Bali (1974)
23.Arquitecto australiano Peter Muller em Bali (1974)

Casos específicos da relação
A casa-de-banho “semi-aberta”

11



Na presente casa-de-banho a distinção entre a zona exterior e interior é feita pelos materiais que apesar de serem ambos em pedra diferem na sua textura. A parcial cobertura, também distingue estes dois momentos, sendo que apenas a zona do duche e das plantas está a descoberto.

14



Neste caso não existe zona de duche, apenas uma banheira que se encontra direccionada para a zona do jardim da casa-de-banho, proporcionando um cenário “verde”, o interior encontra-se demarcado pela cobertura e por uma esteira de bambo que pode dividir o espaço, desta forma a relação interior/exterior pode ser mais ou menos exposta.

24



Na habitação 24 encontramos dois tipos de casas-de-banho, neste caso semi-aberta, a cobertura é quase total sendo que deixa ainda a descoberto a zona do duche, e a restante área é coberta por um telhado de madeira.



26

Nesta habitação a casa-de-banho também revestida numa pedra clara contrasta com o verde do jardim, a zona de duche tem ainda uma abertura, um recorte à altura dos olhos que faz com que o habitante possa estabelecer diferentes contactos com a natureza envolvente.



36

No caso da habitação 36 o tom claro da pedra contrasta com o verde do jardim que convive harmoniosamente com a zona do duche e a lateral do lavatório, quase como se de um cenário verde se tratasse. Existe neste caso uma coincidência de materiais no interior e no exterior.



48

No caso da habitação 48, o pavimento é constituído por materiais diferentes no exterior e no interior, terra e gravilha na área do jardim e na área da casa-de-banho (onde se encontram as loiças sanitárias) o revestimento é composto por pedra no pavimento e revestimento.

A casa-de-banho “fechada”



24

Nesta habitação apesar de toda a área da casa-de-banho estar “fechada”, há uma sensação de permeabilidade com o exterior, a clarabóia posicionada em cima do duche faz com que o habitante possa estabelecer uma relação visual com o jardim. Na zona do lavatório, a parede de vidro transparece os vasos com plantas suspensas que se encontram neste intervalo, trazendo novamente a imagem da natureza ao espaço interior.



28

Nesta tipologia de casa-de-banho fechada, está igualmente presente a vontade de trazer o exterior para esta divisão, no entanto, embora toda a área da casa-de-banho seja coberta há uma clarabóia que ilumina todo o canteiro da casa de banho, transportando a sensação do exterior para este espaço.

Casos específicos da relação
Espaços de alimentação e confecção



2

A cozinha encontra-se em regime de “open space” com a sala, aberta ao jardim na suas laterais e frente proporcionando um espaço híbrido interior/exterior, a distinção espacial é feita através do pavimento que no interior é de azulejo e no exterior é relvado, e pelos pilares do pavilhão que também demarcam as suas fronteiras, não existem portas ou janelas e perdomina a sensação de estar sempre ao “ar livre”.



3

Nesta habitação tradicional, a cozinha encontra-se implementada na varanda e traduz-se essencialmente pelo equipamento, neste caso pela mesa e fogão. Os habitantes balineses, admitem fazer a maior parte das suas refeições na rua, ainda assim consideram importante a sua presença no espaço da casa em alturas de reunião familiar e cerimónias.



16

Na visita a esta habitação tradicional balinesa, foi possível constatar que a maior parte das refeições realizadas na habitação eram apenas realizadas em ocasiões especiais. Apesar do acesso à cozinha não me ter sido permitido, foi possível verificar que esta área da habitação não era frequentemente utilizada, mas antes a “varanda” da cozinha acima nas fotografias, onde estavam mesas com alimentos, eram o equipamento verdadeiramente utilizado na confecção alimentar diária pela proprietária.

20



A ausência de uma porta que conduza a esta divisão da casa, faz com que o contacto com o jardim envolvente seja mais intenso, o acto de confecção alimentar brinda nesta habitação de uma vista privilegiada para o jardim.

22



Nesta habitação contemporânea, a sala e a cozinha encontram-se na mesma divisão da habitação, separadas através de um jardim da zonas privadas. Neste espaço, a grande parede envidraçada inunda a divisão de luz e estabelece um vasto contacto visual com o jardim, que pode ser manipulado pelo habitante .

24



Nesta cozinha a relação interior/exterior é reforçada pela transparência do vidro que se encontra no balcão e que transporta o exterior para o interior deste espaço, e ainda pela ausência de porta, uma vez que o acesso a este espaço é feito através de um deck que une as duas divisões.

29



Na cozinha da habitação 29 podemos constatar a ausência de portas, o acesso à cozinha é feito pela ausência de paredes, proporcionando duas entradas para este espaço da casa, uma frontal e uma lateral e simultaneamente um contacto próximo quer com o jardim, quer com a sala da habitação.

31



Na habitação 31, a cozinha tem apenas na sua lateral esquerda uma parede, encontrando-se parcialmente aberta na zona do balcão e protegida do jardim com um vidro que a abriga do exterior, neste espaço é possível estabelecer um contacto visual com exterior e também físico no sentido em que o clima é o mesmo.

32



A cozinha encontra-se inserida no jardim, num desenho que se assemelha ao tradicional pavilhão balines, comum nas habitações tradicionais. Este encontra-se elevado face ao chão e é coberto por “agung-agung”, sobre uma estrutura de madeira que define estruturalmente o pavilhão. O pavimento por sua vez é de azulejo e o equipamento da cozinha embora contemporâneo está inserido no desenho do balcão de confecção.

Casos específicos da relação
A sala de estar aberta



2

Esta sala encontra-se em regime de “open space” com a cozinha, num espaço que dota de aberturas laterais para o jardim e de uma frente aberta para a piscina, delimitado pela sua estrutura e revestimento.



9

Na habitação 9, a sala encontra-se aberta em relação à piscina e jardim, e também face à entrada, sendo que está elevada destes momentos à altura de um degrau, a sua exposição poderá ser controlada através de estores de bambo nestas aberturas.



24

No caso da habitação 24, a sala é na sua estrutura um pavilhão, pelo que não possui paredes e está aberta ao seu envolvente. Os seus limites são demarcados pela estrutura e cobertura do pavilhão e revestimento do pavimento.



33

Nesta habitação, a sala contempla também de uma vista priveligiada para a piscina e balé, contudo esta poderá ser manipulada pelo habitante, uma vez que esta relação está definida por portas e janelas envidraçadas.



36

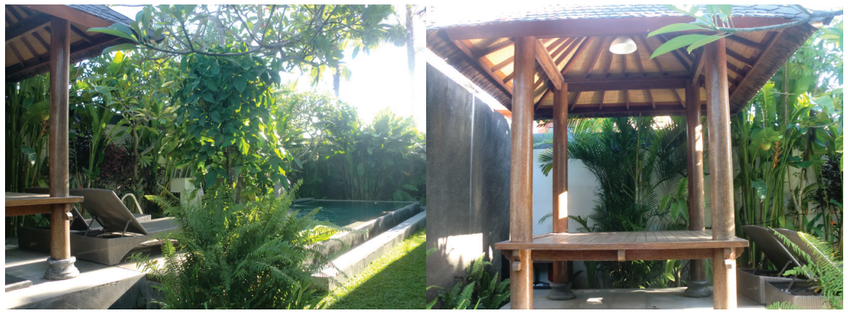
Neste caso, a sala de estar encontra-se também aberta ao jardim quer por “rasgos nas paredes” quer pela ausência das mesmas num espaço híbrido interior/exterior, as suas principais fronteiras são os materiais e a cobertura que diferem de um ambiente para o outro.



47

A sala de estar da habitação 47, possui uma abertura frontal, combinando este espaço com o seu exterior, a piscina e o jardim. Condiçõe que lhe conferem um clima fresco e arejado, também as suas laterais possuem “rasgos” para o jardim que reforçar a relação entre ambos.

Casos específicos da relação
O balé



12

Este balé, é utilizado pelos habitantes para a meditação e encontra-se situado junto à piscina, estando rodeado pelo jardim nas suas laterais.



25

Na habitação 25, o proprietário adaptou o balé às suas necessidades, criando uma agradável, fresca e sombreada zona de convívio exterior, onde dá lugar a encontros de amigos, algumas refeições e até por vezes este é o seu espaço de trabalho. Este pavilhão balines é neste caso apropriado pelo proprietário para outras funções.



26

Nesta habitação o balé encontra-se junto à piscina, e o seu uso é de “lounge” de apoio à mesma pelo que nesta é possível estar à sombra e descansar no jardim.



30

A particularidade formal deste pavilhão faz com que o mesmo esteja parcialmente incluído na área da piscina criando uma zona de estar sombreada e fresca pela sua posição na habitação.



42

Nesta habitação, o balé é feito de bambo e também possui um mosquiteiro, está numa zona mais resguardada com vista para a piscina, a habitação tem ainda um deck elevado com uma outra zona de lazer com duas cadeiras e uma mesa.



45

Na habitação 45, o balé é utilizado como uma zona de estar junto a piscina de relaxamento, esta encontra-se à sombra e compreende um mosquiteiro, também no jardim os habitantes tem uma pequena mesa com cadeiras onde também podem dar lugar a funções de lazer.